

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MIGUEL CABALLERO DE ANDRADE

“NOVOS RUMOS”:

A história do semanário do PCB, de 1959 a 1964

RIO DE JANEIRO

2007

Miguel Caballero de Andrade

“NOVOS RUMOS”: A história do
semanário do PCB, de 1959 e 1964.

Monografia apresentada à Escola de
Comunicação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial à conclusão do curso
de Comunicação Social, habilitação
Jornalismo.

Rio de Janeiro

2007

Miguel Caballero de Andrade

“NOVOS RUMOS”:

A história do semanário do PCB,. De
1959 a 1964.

Monografia submetida à banca de
graduação da Escola de Comunicação
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro – UFRJ, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do
grau de bacharel em Comunicação
Social, habilitação Jornalismo.

Aprovada em de dezembro de 2007.

Professora Ana Paula Goulart – orientadora

Professora Fátima Belchior

Professor Paulo Roberto Pires

CABALLERO, Miguel. **“Novos Rumos”**: a história do semanário do PCB, de 1959 a 1964. Orientadora: Ana Paula Goulart. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2007. (Monografia. Graduação em jornalismo).

RESUMO

Esta pesquisa conta a trajetória do semanário “Novos Rumos”, jornal pertencente ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), que foi publicado entre 1959 e 1964. O surgimento do jornal decorre de transformações que o movimento comunista enfrentava, na segunda metade da década de 1950, em razão da divulgação da série de crimes que Joseph Stalin cometera enquanto governou a União Soviética. O trabalho parte do racha interno do PCB, entre radicais e revisionistas, para explicar a fundação do jornal. Conta, também, história da redação de “Novos Rumos” e dos jornalistas que lá trabalharam. Foram objeto de estudo várias edições do semanário. Para demonstrar quais novidades “Novos Rumos” representou, utilizou-se seu antecessor entre as publicações do PCB, “Voz Operária”, para comparação. Este estudo investiga ainda o fechamento do semanário por militares, ainda no dia do golpe que mergulhou o país na ditadura, e também que destino tiveram alguns dos principais jornalistas que construíram a história de “Novos Rumos”. A pesquisa analisa também de que forma o PCB utilizou “Novos Rumos” como tribuna política, uma vez que, durante todo o tempo de publicação do semanário, o período esteve oficialmente na ilegalidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. Mais jornalismo que política

- 2.1 O Relatório Krushev e o racha no PCB
- 2.2 A Declaração de Março e o surgimento de “Novos Rumos”
- 2.3 À diferença da grande imprensa

3. Por dentro de “Novos Rumos”

- 3.1 Estruturar-se para fazer um jornal de massas
- 3.2 As mudanças de conteúdo: mais perto do cotidiano nacional
- 3.3 Histórias do jornal e da redação

4. A relação entre a redação e o partido

- 4.1 A influência do Comitê Central sobre “Novos Rumos”
- 4.2 Casos de conflito entre redação e Comitê Central
 - 4.2.1 A vinda de Tito ao Brasil
 - 4.2.2 A publicação de “Um dia na vida de Ivan Denissovitch”
 - 4.2.3 O discurso de Giancarlo Pajetta

5. O posicionamento político do PCB através de “Novos Rumos”

- 5.1 O apoio a Lott e a renúncia de Jânio
- 5.2 A “Cadeia da Legalidade” e o distanciamento entre PCB e Brizola
- 5.3 A contradição do apoio crítico a Jango
 - 5.3.1 O documento de San Tiago Dantas

6. O golpe militar e o fim de “Novos Rumos”

- 6.1 O clima golpista e o dilema de Jango
- 6.2 O primeiro de abril e o fechamento de “Novos Rumos”
- 6.3 O destino de alguns dos jornalistas de “Novos Rumos”

7. Conclusão

8. Referências bibliográficas

1 INTRODUÇÃO

Houve basicamente dois motivos principais para que escolhesse o semanário “Novos Rumos” como tema deste projeto de conclusão de curso. Sempre tive interesse pela história do jornalismo, e o período em que “Novos Rumos” existiu, entre 1959 e 1964, é, para mim, dos mais interessantes. Especialmente pelas transformações por que o país passava naqueles anos. Já imaginava, portanto, que falaria sobre o passado do jornalismo impresso no Brasil, provavelmente escolhendo alguma publicação como foco do estudo.

A opção por “Novos Rumos” justifica-se, principalmente, por uma questão pessoal: meu pai, Moacyr Andrade, trabalhou no semanário do PCB. Há muito, mesmo antes de entrar para a Escola de Comunicação da UFRJ, conversei com ele sobre sua carreira, e sempre o ouvia falar de “Novos Rumos”. A decisão de fazer a pesquisa sobre este jornal foi também, pois, uma maneira de conhecer mais de perto um pedaço do passado de meu pai. Realizar este trabalho me permitiu, ao mesmo tempo, aprender sobre trechos da história do Brasil e da de minha família.

As esperadas dificuldades para encontrar publicações que falassem sobre “Novos Rumos” confirmaram-se logo no início do trabalho de pesquisa. Nas últimas décadas, escreveu-se muito sobre o comunismo no Brasil, sobre a ditadura - e a resistência a ela -, mas há pouco sobre este semanário. Encontrei várias citações de “Novos Rumos” em livros, páginas da internet, mas o jornal aparecia sempre no contexto de ilustrar a posição dos comunistas em determinado momento da política nacional. O pouco que havia sobre o jornal em si foi encontrado em livros sobre a imprensa comunista no Brasil, em que a história de “Novos Rumos” era descrita em poucas páginas, apenas como mais um dos jornais de esquerda que existiram no país.

Esse empecilho inicial me motivou ainda mais, pois percebi que o trabalho poderia ter alguma importância de fazer o registro sobre uma publicação que foi única dentro da história da imprensa partidária no país. Este trabalho pretende mostrar que a redação de “Novos Rumos” foi o lugar onde mais se fez jornalismo dentro da imprensa comunista, partidária, no país. Em vários casos, a vocação jornalística esteve acima da política, mesmo sendo um veículo que pertencia ao PCB.

Não havia outro caminho senão procurar jornalistas que tivessem trabalhado no jornal. Que havia sido fechado há 43 anos. Além da distância no tempo, o fato de que alguns, na ditadura, tivessem ingressado na luta armadas, também colaborou para o fato de haver, hoje,

poucos sobreviventes. Além de meu pai, contabilizei outros quatro. Consegui falar com três deles – Luiz Mário Gazzaneo, Elio Gaspari e Henrique Cordeiro. Essas entrevistas nortearam o trabalho, principalmente nas partes que em que tento reconstituir o clima daquela redação e contar algumas passagens de bastidores.

Foi a partir daí que foi montado o esqueleto deste roteiro. O primeiro capítulo explica como surgiu o jornal, fruto das transformações políticas por que passava o PCB na década de 1950. No segundo, tento fazer uma radiografia de “Novos Rumos”, mostrar quais eram suas principais diferenças em relação a seus antepassados na imprensa política e partidária no país, e contar histórias e detalhes daquela redação. Este e o terceiro capítulo, que trata da relação entre partido e redação, foram os capítulos que mais dependeram da memória dos entrevistados.

Para o quarto capítulo havia bibliografia mais extensa. Procurei mostrar como se deu o posicionamento político do PCB através de “Novos Rumos” durante aqueles anos conturbados da política nacional. No último capítulo, este trabalho tenta reconstituir como foram os últimos momentos do jornal, fechado já no dia do golpe militar, que implantou a ditadura no Brasil. Também, como desfecho, procura mostrar o destino de alguns jornalistas que trabalharam no semanário.


As citações de reportagens de “Novos Rumos” e as páginas do jornal que estão em anexo foram conseguidas na Biblioteca Nacional, que possui, em seu arquivo, a coleção quase completa do semanário. Quando relatei que a Biblioteca tinha edições de “Novos Rumos”, todos os jornalistas que entrevistei se surpreenderam. Julgavam que nada havia sido preservado com o mínimo de organização.

Para dar ritmo ao trabalho, não quis deixar as entrevistas separadas. Utilizei com parcimônia as falas dos entrevistados para ilustrar as passagens descritas. A maioria das informações que consegui nas entrevistas está contida no texto do projeto, e não como fala dos entrevistados.

Resgatar a história de um jornal que teve vida curta mas extensa importância na história da imprensa partidária no país foi o que me motivou a fazer este projeto da área de jornalismo. A despeito do clichê de que o Brasil é um país sem memória, um dos maiores aprendizados que tive nesta faculdade foi o de que repórter precisa lembrar, para poder contextualizar e perguntar. Não precisa de saber muita coisa. Mas, sim, de lembrar e perguntar. Por isso escolhi pesquisar sobre um pedaço da história da imprensa brasileira.

2 MAIS JORNALISMO QUE POLÍTICA

Costuma-se juntar no mesmo balaio, quando se analisa a história do jornalismo no Brasil, aquilo que se convencionou chamar de “imprensa comunista” e “imprensa operária”. Não necessariamente defendendo a revolução socialista, jornais voltados para o proletariado existem no país já desde o fim do século XIX¹. Multiplicaram-se a partir da primeira década do século XX, mas sobretudo receberam grande impulso após a Revolução Russa ter vingado, em 1917. Pretende-se tratar, aqui, porém, de um periódico comunista pertencente ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), organização política fundada em 1922.

Em alguns momentos das décadas de 1940 e 1950, havia um grande número de publicações comunistas – e de leitores: fora os simpatizantes, o PCB chegou a ter mais de 200 mil filiados². A imprensa comunista tinha, nessa quadra, vários jornais, diários ou semanários: “Imprensa Popular”, no Rio de Janeiro; “Notícias de Hoje”, em São Paulo; “O Momento”, na Bahia; “Folha do Povo”, em Pernambuco; “O Democrata”, no Ceará; “Tribuna Gaúcha”, no Rio Grande do Sul; “Tribuna do Povo”, no Paraná, e outros³. Era tão grande a lista de publicações comunistas, que, em determinados períodos, só perdia em quantidade para os “Diários Associados” de Assis Chateaubriand. 

Durante as décadas seguintes ao “boom” proporcionado pela Revolução Russa, os jornais de tendência comunista no país – pertencentes ou não a partidos políticos – guardavam característica essencial em comum: seguiam o modelo soviético de comunicação, ecoando os dogmas do movimento comunista e o sucesso da Revolução Russa. Eram jornais doutrinários – pode-se dizer que ironicamente com traços “jesuíticos” –, com muita teoria, destinados principalmente a expandir o manancial ideológico da revolução soviética.

Um dos objetivos deste trabalho é compreender e demonstrar como o semanário “Novos Rumos”, que existiu por cinco anos, entre 1959 e 1964, e como órgão oficial, na prática, do Partido Comunista Brasileiro, conseguiu transformar-se em uma exceção nesse sentido. Fruto de uma guinada ideológica do partido, o jornal conseguiu se desamarrar da pura e simples doutrina ideológica para contemplar os assuntos da realidade nacional com horizontes mais amplos e exercer um espírito crítico – até mesmo dentro do partido – que quase sempre esteve afastado de

¹ FERREIRA, 1988, p. 13-14

² CARONE, 1982, p. 55.

³ ANDRADE, 2007.

seus antecessores na imprensa comunista. Na redação de “Novos Rumos”, fazia-se mais jornalismo do que política. E essa foi a grande marca do semanário na comparação com os que o precederam e sucederam no âmbito do jornalismo partidário.

Não deixava de ser, fique claro, um órgão de propaganda do PCB. Mas, tanto na pauta mais abrangente, quanto na abordagem e publicação de assuntos que às vezes desagradavam à direção do partido, ou pelo elenco de jornalistas que reunia, “Novos Rumos” tem espaço especial na galeria da imprensa de esquerda no país. Nos depoimentos, para este trabalho, de alguns dos poucos jornalistas que trabalharam na redação do 17º andar do número 257 da Avenida Rio Branco, esquina com Rua Santa Luzia, e que ainda estão vivos, lembra-se que naquelas pequenas salas respirava-se muito mais o jornal do que o partido. “Aquela redação estava cheia de comunistas, mas até que não tinha tanto comunismo”, lembrou para este trabalho Elio Gaspari, sobre a primeira redação em que pisou na vida⁴.

Havia, inclusive, quem não fosse filiado ao PCB. Nenhum dos remanescentes de “Novos Rumos” se lembra de ter presenciado alguma reunião do partido no jornal. O funcionamento era como o de outra redação qualquer, segundo quem trabalhou lá. A linha editorial, claro, seguia a cartilha do PCB, que indicava os jornalistas para os cargos de chefia. O resto da equipe, redatores e repórteres, não vinha necessariamente de indicações do comando partidário.


Posto ao lado de grandes jornais da época, “Novos Rumos” era, sim, mais pesado, sisudo, politizado. Mas, se não chegou a ser um sucesso de público, marcou época no jornalismo político e de esquerda no país. Seus objetivos eram ambiciosos. Pretendia refletir as grandes questões que se colocavam à sociedade, aproximar-se cada vez mais da realidade cotidiana e alcançar tiragem de grande publicação, numa tentativa de aumentar a influência do PCB junto às massas.

Este trabalho pretende destrinchar o surgimento do jornal, no âmbito interno do PCB, analisar algumas edições e contar histórias da relação entre a redação e o comando partidário, e de pessoas que participaram do semanário. E falar, ainda, do posicionamento político do partido nas eleições que ocorreram durante o curto período de vida do jornal, refletido em suas páginas.

⁴ GASPARI, 2007.

2.1 O RELATÓRIO KRUSCHEV E O RACHA NO PCB

Nos anos que antecederam o surgimento de “Novos Rumos”, havia, dentre as dezenas de publicações da imprensa comunista, algumas pertencentes ao PCB. A principal delas era o jornal “Voz Operária”, porta-voz do Comitê Central. Era uma publicação com alto teor doutrinário, bastante teórica, que divulgava textos dos principais líderes soviéticos e do movimento comunista no Brasil. Era, basicamente, a voz oficial do partido. Além de “Voz Operária”, semanal, o PCB produzia dois jornais diários: “Imprensa Popular”, no Rio de Janeiro, e “Notícias de Hoje”, em São Paulo. Havia, ainda, revistas, como “Problemas”, mensal, de cultura política⁵.


Em 1959, surgiu “Novos Rumos”, um semanário de distribuição nacional, vendido em bancas, mas também com assinantes. “Novos Rumos” não era apenas o sucessor de “Voz Operária”, mas o resultado de transformações profundas no partido, que se refletiram na sua política de imprensa, de comunicação com os filiados e as parcelas da sociedade simpáticas às suas idéias. Saber quais foram essas transformações – responsáveis também, logo depois, pelo lançamento das revistas “Problemas da Paz e do Socialismo” e “Estudos Sociais” –, por que elas aconteceram, nos anos anteriores a “Novos Rumos”, e que conseqüências geraram, é imprescindível para entender o que foi e por que teve tanta importância este jornal que durou apenas cinco anos. 

A emergência do semanário “Novos Rumos” como uma espécie de modelo para as publicações do PCB tem como causa não apenas a necessidade de transformar a forma de o partido se comunicar com a sociedade, mas, sobretudo, as discussões e o racha que o partido – e, de resto, todo o movimento comunista internacional – enfrentava naquela segunda metade da década de 1950. A morte de Josef Stalin, no dia 5 de março de 1953, encerrou uma época em que o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) era absolutamente fechado. O regime era comandado com mão de ferro pelo líder, o que fazia com que pouco se tivesse notícia do que se passava dentro dele.

Os anos que se seguiram à morte de Stalin foram de progressiva abertura do regime, processo que ficou marcado pelo discurso do líder soviético Nikita Krushev no XX Congresso

⁵ LINHARES, 1960, p 141.

do PCUS, em fevereiro de 1956. A bifurcação entre manter a linha stalinista ou abrir o programa partidário foi a questão a que tiveram de se submeter os Partidos Comunistas (PCs) de cada país⁶.

No XX Congresso, Krushev apresentou um relatório que fazia duras críticas e denúncias do período em que o regime comunista soviético foi comandado por Stalin. Vinham à tona, pela primeira vez de dentro do PCUS, as arbitrariedades que o regime cometera. O chamado "culto à personalidade", promovido por Stalin, sofria duro golpe com o Relatório Krushev. As denúncias dos crimes cometidos por Stalin, de quem, aliás, Krushev fora aliado, racharam o movimento comunista em todo o mundo. Era imperioso, ainda que desagradasse aos comandos partidários, rediscutir alguns dogmas. Aqui, nos desdobramentos das decepções trazidas pelas acusações de Krushev, intelectuais importantes deixaram o partido, como Jorge Amado e Moacir Werneck de Castro⁷. 

No Brasil, como em vários outros países, a atitude de Krushev foi, de início, considerada “contra-revolucionária” por muitos integrantes do PC. Ainda que muitos tenham se desiludido e até abandonado o partido, o grupo stalinista era, então, predominante. Mas havia inegavelmente um racha. O principal órgão de imprensa do PCB à época, o jornal “Voz Operária”, abriu o debate sobre o Relatório Krushev ainda antes de que o representante brasileiro no XX Congresso, Diógenes Arruda, stalinista de carteirinha, voltasse ao país, o que só aconteceria em julho de 1956⁸. Começou-se, portanto, a discutir o revisionismo de Krushev nas publicações do PCB à revelia do comando do partido. À época, por exemplo, Prestes, principal líder comunista no país, era ferrenho stalinista.

No decorrer daquele 1956, e no ano seguinte, os que defendiam a abertura, seguindo a linha de Krushev, não tinham espaço, e um grupo chegou a sair do partido. Em novembro de 1956, Prestes enviou carta ao Comitê Central do partido proibindo críticas e de certa forma reforçando princípios stalinistas do PCB registrados na linha política do Manifesto de Agosto de 1950 e confirmados no Congresso de 1954, já depois da morte de Stalin. Em maio de 1957, o grupo liderado por Agildo Barata, adepto da abertura, rompeu com o partido⁹.

Ao longo desse período, no entanto, Prestes e a executiva do PCB foram se convencendo de que as denúncias de Krushev e o processo de abertura encontravam eco na maioria dos

⁶ GAZZANELO, 2007.

⁷ GAZZANELO, 2007.

⁸ GAZZANELO, 2007.

⁹ ANDRADE, 2007.

filiados e dos comunistas no país. Na nova composição da secretaria executiva, já na virada para 1958, ficaram de fora alguns notórios stalinistas, como Mauricio Grabois, João Amazonas e Diógenes Arruda, o representante no XX Congresso. Por outro lado, passaram a integrar a executiva nomes como o de Carlos Marighella. A correlação mudava, com o grupo dos que pregavam transformações e a “desestalinização” do PCB ganhando força. Antes de entrar nas transformações por que o PCB passou, e que explicam o surgimento de “Novos Rumos”, é importante lembrar que alguns grupos que, a partir de 1958, foram perdendo espaço no partido, acabaram saindo de vez em 1961. No ano seguinte, fundaram o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), seguindo a linha stalinista e sob grande influência do Partido Comunista Chinês (PCC), que Mao Tsé Tung comandava, na China, com autoritarismo análogo ao de Stalin¹⁰.

Vale abrir um parênteses sobre a sigla do partido. A escolha do nome do partido dissidente não se deu por acaso nem consistiu em novidade. Na verdade, o PCB já se chamara PCdoB, embora não fosse corrente o uso da sigla. A mudança de nome (de Partido Comunista do Brasil para Partido Comunista Brasileiro) deveu-se a dois motivos – um pragmático, outro teórico. O de caráter conceitual era o seguinte: o partido pretendia mostrar, com a mudança de nome, que não era apenas a “sucursal” brasileira de uma organização internacional. O comando soviético do movimento comunista mundial só reconhecia um partido comunista em cada país. A intenção do Comitê Central, ao substituir o “do Brasil” por “Brasileiro” era conferir uma identidade nacional ao partido¹¹. A outra motivação era prática: a mudança de nome fez parte de uma das muitas tentativas (frustradas) do líder Luiz Carlos Prestes de fazer com que o partido tivesse facilitada a sua volta à legalidade, situação que lhe fora cassada em 1947. No V Congresso, em 1960, o partido passou a adotar a denominação de Partido Comunista Brasileiro, com a sigla PCB, já consagrada, aliás, popularmente¹². E tratar-se-á o partido, neste trabalho, como PCB, a fim de evitar confusão com o PCdoB, fundado em 1962 pela dissidência stalinista. Desde então – já, portanto, há 45 anos – PCB e PCdoB brigam pelo reconhecimento de quem é o verdadeiro herdeiro do partido fundado em 1922 no Brasil. Oficialmente, o PCdoB é uma dissidência. Nos anos 90, essa disputa ganhou outras nuances, quando o Partido Popular Socialista (PPS) apresentou-se como sucessor do PCB, mas já sem adotar o discurso do ideário socialista.

¹⁰ GORENDER, 1987, p. 66-69.

¹¹ GORENDER, 1987, p. 33-34.

¹² COELHO, 2000, p.510.

Voltando ao racha no PCB após o Relatório Krushev, um registro importante da mudança de pensamento do principal líder comunista do país está na edição de 29 de março de 1958 de “Voz Operária”, onde Prestes defende a “crítica e autocrítica de nossa atividade para compreender e aplicar uma nova política”. Avaliavam os comunistas que, além de dissonante da linha adotada no PCUS por Krushev, a tendência stalinista do PCB havia também distanciado o partido dos principais problemas nacionais.

2.2 A DECLARAÇÃO DE MARÇO E O SURGIMENTO DE “NOVOS RUMOS”

A formalização das mudanças na linha política do PCB data do mesmo mês do artigo de Prestes em “Voz Operária”. Entrou para a história como a “Declaração de Março” (de 1958) o documento que registrou essas transformações. A Declaração rachou o partido: de um lado, Prestes comandando o novo Comitê Central, fiel às diretrizes expostas por Krushev no XX Congresso do PCUS. De outro lado, o grupo stalinista – de que faziam parte, entre outros, Mauricio Grabois, Diógenes Arruda e João Amazonas –, que rechaçava o revisionismo. Em 11 de agosto de 1961, um editorial de “Novos Rumos” reafirmaria a nova política do PCB, apressando a saída dos dissidentes, que seriam expulsos do partido ainda naquele ano, sob a alegação de que praticavam “atividades antipartidárias e divisionistas, violação da disciplina e luta contra a unidade do Movimento Comunista”¹³.

A Declaração de Março de 1958 trouxe, resumidamente, três características ao partido comunista no Brasil: tornou-o mais aberto, mais democrático e mais “nacionalista”, no sentido de eleger como objetivo principal derrotar o imperialismo norte-americano no país. Mais aberto porque, além de manifestar preocupações com sua política de imprensa, admitia alianças com outros partidos. Não que fosse inédito, uma vez que o PCB apoiara, por exemplo, a candidatura de Juscelino Kubitschek à Presidência da República, três anos antes. Mas, agora, era parte importante da estratégia do partido aliar-se a forças contrárias ao imperialismo¹⁴. E se reconheciam potenciais aliados até mesmo em setores da sociedade que aparentemente jamais

¹³ GORENDER, 1987, p.107-108

¹⁴ ANDRADE, 2007.

estariam no mesmo lado dos comunistas: uma parcela da burguesia, que se poderia classificar de “nacionalista”, desde que se opusesse à influência norte-americana, e pequenos latifundiários que também se alinhassem aos ideais antiimperialistas. A palavra “nacionalista” passou a integrar praticamente todos os slogans e motes do PCB.

Admitir a aliança com setores da burguesia fez com que a Declaração de Março fosse considerada uma guinada à direita por alas mais radicais. Os stalinistas, que já haviam perdido espaço com as últimas mudanças na secretaria executiva, ficavam ainda mais fragilizados. Inconformados, e acusando a liderança de ignorar os reais objetivos do movimento comunista – a revolução – para se concentrar na política do dia-a-dia, o grupo mais radical dava sinais de que não permaneceria no partido, o que ainda levou alguns anos para acontecer. O V Congresso, em 1960, ratificou as posições expressas dois anos antes.

O partido tornou-se mais democrático com a Declaração de Março porque passou a considerar o caminho institucional como prioritário para mudar o país. Fazer a revolução pela luta armada deixou de ser o caminho mais viável para a direção do PCB. Por fim, ficou mais nacionalista na medida em que elegia o combate aos Estados Unidos como foco principal da sua luta política, ainda no contexto da Guerra Fria.

Passando por todo esse processo, era inescapável, na opinião dos que comandavam o PCB, mudar a forma como o partido se comunicava¹⁵. “Voz Operária” estava por demais identificado com a fase anterior. Como resultante de todas essas transformações, decidiu-se pela fundação de “Novos Rumos” – o nome já diz tudo.

Com o lançamento de “Novos Rumos”, houve um enxugamento da máquina de imprensa partidária, o que era de conveniência financeira. Ainda que se instalassem sucursais em várias cidades do país, como foi feito, isso custava menos do que manter publicações num grande número de estados. Algumas deixaram de circular.



¹⁵ GAZZANEO, 2007.

2.3 À DIFERENÇA DA GRANDE IMPRENSA

“Novos Rumos” era um jornal que se diferenciava em todos os sentidos (e não só por ser semanário) dos principais jornais do país no ano de sua fundação, 1959. Para limitar o leque de comparação, tome-se sete dos principais: “Correio da Manhã”, “O Globo”, “O Estado de S. Paulo”, “Diário de Notícias”, “Jornal do Brasil”, “Última Hora” e “Tribuna da Imprensa”.

“Novos Rumos” era o único pertencente a um partido político, o PCB. Todos os outros pertenciam a famílias ou proprietário único, a saber: “Correio da Manhã” (família Bittencourt); “O Globo” (os Marinho); “O Estado de S. Paulo” (os Mesquita); “Diário de Notícias” (os Ribeiro Dantas); “Jornal do Brasil” (os Nascimento Brito); “Última Hora” (Samuel Wainer) e “Tribuna da Imprensa” (Carlos Lacerda). Este último era o que mais se aproximava de “Novos Rumos” nesse sentido, já que seu proprietário, Lacerda, era um político. Estavam, porém, “Novos Rumos” e “Tribuna da Imprensa”, nos extremos opostos do espectro político. O “Diário de Notícias” tinha enorme afinidade com a UDN, mas não se pode dizer que fosse um órgão partidário.

Importante registrar que, à diferença do que acontece hoje, na década de 1950, muitos dos jornais da grande imprensa tomavam posição clara no jogo político, apoiando explicitamente este ou aquele candidato em cada eleição, ainda que não fossem as vozes oficiais deste ou daquele partido. Explicitar de que lado se situavam no jogo político e eleitoral poderia ser uma semelhança desses jornais com “Novos Rumos”, mas, ideologicamente, todos estavam muito distantes do semanário do PCB. Podiam apoiar ou ser contra o governo da época, defender candidatos diferentes, mas, em linhas gerais, todos defendiam os interesses do sistema capitalista, da elite, do “establishment”. Justamente contra o que o PCB pregava. À exceção de “Última Hora”, nenhum dos grandes jornais brasileiros da época mantinha, na sua linha editorial, qualquer proximidade com o pensamento de esquerda.

3 POR DENTRO DE “NOVOS RUMOS”

As mudanças conceituais por que passava o PCB, culminando com a Declaração de Março de 1958 e, no ano seguinte, com o surgimento de “Novos Rumos”, refletiram-se em transformações práticas de suas publicações. Além da decisão de se tornar mais aberto ao processo da política institucional democrática, o partido optara por aproximar cada vez mais seu discurso da realidade cotidiana do país. “Novos Rumos” foi pensado para ser um jornal de massas, foi criado para atingir o maior número possível de brasileiros.

Para alcançar esse objetivo, novas estratégias foram adotadas e várias mudanças ocorreram. Numa comparação com o principal antecessor de “Novos Rumos”, “Voz Operária”, pode-se afirmar que essas modificações foram de duas ordens: mudanças no produto, no conteúdo e na forma daquilo que era publicado, desde maior abrangência dos temas cobertos até inovações gráficas que resultassem em diagramação mais atraente, e mudanças estruturais, de logística, para permitir a concretização dos objetivos.

Este capítulo pretende mostrar como era o jornal que surgiu a partir das transformações por que o PCB passou na década de 1950, expostas no Capítulo I. Contar, primeiro, que estrutura o partido implantou para o jornal e, também, como era o jornal que os comunistas e aliados – e não só eles - compravam nas bancas no início dos anos 1960.

3.1 ESTRUTURAR-SE PARA FAZER UM JORNAL DE MASSAS

“Voz Operária” era um jornal totalmente voltado para o público comunista, a grande parte já filiada ao partido. Suas páginas ecoavam o pensamento político, ideológico e teórico do PCB. Era um veículo de propagação das idéias comunistas, basicamente um panfleto ou um manual de orientação política para os filiados. Trazia textos longos, pesados, doutrinários demais¹⁶.

Ao fechar “Voz Operária” e outras publicações para lançar “Novos Rumos”, o partido pretendia crescer através de seu novo jornal. Fazer uma publicação que tivesse tantos leitores

¹⁶ ANDRADE, 2007.

quanto os maiores jornais da época¹⁷. Para isso, equipou-o com uma estrutura inédita para um jornal partidário de esquerda no país. “Novos Rumos” tinha correspondentes em praticamente todas as capitais e, em algumas, sucursais (a de São Paulo foi dirigida durante muito tempo pelo jornalista Joaquim Câmara Ferreira, um dos dirigentes partidários que mais tarde romperam com o PCB e abraçaram a luta armada contra a ditadura militar)¹⁸. Eram correspondentes fixos, jornalistas, não meros militantes políticos credenciados, que enviavam reportagens periodicamente para a redação no Rio.

O semanário estava nas bancas do país inteiro, de Manaus a Porto Alegre, às quintas-feiras, transportado por via aérea aos estados mais distantes. A tiragem chegou a 60 mil exemplares, marca expressiva até para os dias de hoje e, na época, inatingida por alguns dos diários em circulação. Uma parte encalhava, mas, ainda assim, a vendagem era muito boa¹⁹.

Os 60 mil exemplares de “Novos Rumos” eram rodados numa gráfica particular, no Centro do Rio. A gráfica Itambé ficava na Rua Leandro Martins, perto da Central do Brasil e a menos de um quilômetro do Ministério do Exército²⁰. Tinha reputação de excelência nos serviços gráficos. Seus proprietários eram ligados ao PCB, mas a empresa funcionava legalmente registrada. “Novos Rumos” sempre foi impresso e circulou sem maiores problemas, embora fosse notório que era um veículo mantido pelo PCB, que estava na ilegalidade.

A Itambé imprimia também, como empresa autônoma, publicações alheias ao partido, entre elas alguns jornais. Um deles, durante certo período, era a “Luta Democrática”, jornal diário, popular, de propriedade do político Tenório Cavalcanti²¹. Deputado federal de vários mandatos, inicialmente filiado à UDN, Tenório tinha sua principal base eleitoral no município fluminense de Duque de Caxias, onde, segundo os adversários, se impunha pela violência. Era apelidado de “O Homem da Capa Preta” e também de “O Homem da Lurdinha”, referência a uma metralhadora que às vezes portava e que, ainda segundo os adversários, teria acionado em algumas ocasiões. Político populista de prestígio crescente, disputou palmo a palmo com Carlos Lacerda, o vitorioso, e com Sérgio Magalhães, candidato da esquerda, as eleições para o governo do Estado da Guanabara, em 1960.

¹⁷ CORDEIRO, 2007.

¹⁸ ANDRADE, 2007.

¹⁹ CORDEIRO, 2007.

²⁰ ANDRADE, 2007.

²¹ ANDRADE, 2007.

Em agosto do ano seguinte, quando seu jornal era impresso nas mesmas oficinas que imprimiam “Novos Rumos”, houve a crise nacional da renúncia do presidente Jânio Quadros, da qual este trabalho irá falar mais profundamente no Capítulo IV. Na ocasião, o marechal Lott, derrotado na eleição presidencial por Jânio, fez um pronunciamento a favor da posse do vice-presidente, João Goulart, vetada pelos ministros militares. O governador Carlos Lacerda, também contrário à posse de Jango, tentou impedir que os jornais publicassem a manifestação de Lott. Censores e policiais foram a redações e oficinas. Na gráfica Itambé, quando eles lá chegaram, estava sendo impressa a “Luta Democrática”. Os policiais interromperam a impressão e fizeram retirar as declarações de Lott. E deixaram a gráfica, dever cumprido. Momentos mais tarde, eles não sabiam, seria rodada a edição de “Novos Rumos”. Sem censura, o jornal do PCB chegou às bancas no dia seguinte com o pronunciamento de Lott²². Quando a polícia saiu às ruas para recolher os jornais, a edição já estava quase esgotada. Represália ou não, o editor-chefe de “Novos Rumos”, Fragmon Carlos Borges, esteve preso durante alguns dias naquela semana.

Além de dotar o jornal dos serviços preferenciais de uma boa gráfica, o PCB investiu decidido na redação da Avenida Rio Branco. Nem tanto em termos de equipamento ou espaço, já que os cerca de 15 jornalistas que iam diariamente ao local dividiam apenas duas salas de um prédio comercial. O que diferenciou “Novos Rumos” de seus antecessores, nesse sentido, foi principalmente o nível dos salários. Pagava-se aos jornalistas que lá trabalhavam, e isso era novidade na imprensa partidária, salário ao nível do mercado. E não há registro ou lembrança, de ex-funcionários, de qualquer atraso de pagamento. Isso explica o fato de que praticamente nenhum dos jornalistas de “Novos Rumos” trabalhasse também em outro jornal, o que era comum na época.

Henrique Cordeiro, jornalista, que também trabalho como gerente administrativo de “Novos Rumos”, diz que essa equiparação salarial aos grandes jornais da época foi fundamental para manter a qualidade do semanário.

Os salários eram bons. Prova disso é que muitos tinham condições de pagar alugueis na Zona Sul. Luiz Gazzaneo, que foi redator-chefe, morava no Leblon, Fragmon Carlos Borges no Humaitá e Rui Facó, redator, no Jardim Botânico. O time de jornalistas era excelente e o nível dos salários colaborou para que eles continuassem lá, não saíssem por causa de dinheiro²³.

²² ANDRADE, 2007.

²³ CORDEIRO, 2007.

Além dos salários pagos aos funcionários contratados, "Novos Rumos" mantinha uma grande lista de colaboradores. Nela, destacam-se nomes de jovens, como Leandro Konder; e nomes já consagrados, como o pintor Di Cavalcanti, que algumas vezes ilustrou reportagens do jornal e escreveu artigos.

Para manter bons salários, correspondentes em várias capitais, grande tiragem e pagar os colaboradores, "Novos Rumos" dispunha de três formas de receita. O grosso vinha mesmo do partido. O PCB subsidiava o jornal, cobrindo quase a totalidade das despesas²⁴. Em menor escala, havia a receita com a venda do semanário nas bancas e de assinaturas. Numa terceira fonte, o jornal estimulava as doações diretas dos leitores. Em várias edições, vê-se um pequeno quadro de agradecimento a leitores que haviam doado dinheiro ao semanário. Aparecia o nome do leitor, a cidade onde morava e a quantia que ele havia depositado na conta do jornal. A arrecadação era escassa, mas tinha forte valor simbólico.

3.2 AS MUDANÇAS DE CONTEÚDO: MAIS PERTO DO COTIDIANO NACIONAL

Toda essa transformação em termos de estrutura que "Novos Rumos" representou foi acompanhada de mudanças também de conteúdo. Para tornar-se um jornal de grande aceitação, "Novos Rumos" não poderia se caracterizar pela aridez da doutrinação política e das formulações econômicas. O PCB entendia que precisava, através do semanário, de se aproximar bastante mais da realidade nacional. Assim, a pauta teria de ir muito além do leque de assuntos que entravam em "Voz Operária", por exemplo.

A política era, claro, o carro-chefe do semanário. Conferia-se muita importância igualmente à editoria de economia, aos assuntos internacionais (aí incluídas as relações com os outros partidos comunistas) e ao sindicalismo, o do forte movimento operário urbano, principalmente, mas também o das incipientes organizações camponesas. Dava-se especial atenção aos problemas da universidade e às lutas do movimento estudantil, onde o partido, como entre os trabalhadores, tinha pesada influência. Tinha abrigo e apoio, claro, a avalanche de reivindicações populares tão característica do período. Mas "Novos Rumos", nas suas pretensões

²⁴ CORDEIRO, 2007.

de amplitude, procurou dar ênfase também a outros pontos, como a cultura, sobretudo, e o esporte.

Não se pode tratar de produção cultural nas páginas de “Novos Rumos” sem mencionar a figura do escritor Astrojildo Pereira. Um dos fundadores do PCB, em 1922, coube a ele, também, aproximar Luiz Carlos Prestes do partido, indo ao encontro do futuro líder da organização quando este estava na Bolívia, em 1927, depois da Coluna Prestes haver se internado naquele país no fim do ano anterior²⁵. Foi Astrojildo Pereira quem forneceu a Prestes os primeiros livros de literatura marxista. Grande crítico literário, respeitado especialista nas obras de Machado de Assis e de Lima Barreto, parte do que publicou em livro apareceu antes como colaboração em “Novos Rumos”, onde seus artigos e críticas foram sempre das maiores atrações, em toda a existência do semanário. Astrojildo fundou e dirigiu a revista “Estudos Sociais”, outro fruto da política do partido de arejar suas publicações²⁶.

A diversificação dos temas em “Novos Rumos” não ficou na simples intenção. Até a ocorrência policial chegou a entrar na pauta. A colaboradora Ana Montenegro escreveu um artigo sobre Aída Curi, uma jovem que havia sido morta e jogada do alto de um prédio da Avenida Atlântica, em Copacabana, por dois jovens que a acompanhavam. O caso, que aconteceu em 1958, chocou a sociedade carioca e foi durante muito tempo lembrado e discutido. Já mais de um ano depois da morte da menina, o texto falava dos sonhos interrompidos de Aída e cobrava que os culpados não ficassem impunes.

O viés doutrinário, porém, nunca foi de todo afastado – e tinha público. Uma das seções mais apreciadas do jornal era a coluna “Teoria e Prática”, na qual o dirigente partidário Apolônio de Carvalho escrevia sobre ideologia e realidade socialista. Nada, no entanto, que remetesse ao proselitismo radical e sectário do período anterior. O PCB queria um jornal que levasse seu pensamento a grande parte dos brasileiros. Essa publicação era um dos meios de tirar o partido do isolamento em que se encontrava, muito por causa do radicalismo de suas posições nas décadas anteriores.

No mesmo pacote das novidades em termos de estrutura e linha editorial, “Novos Rumos” vinha com algumas diferenças gráficas em relação a seus antecessores na imprensa partidária. Não poderia ser tão sisudo como a maioria dos jornais políticos. Se não quebrou totalmente as

²⁵ SODRÉ apud FEIJÓ, 1985, p. 19.

²⁶ SODRÉ apud FEIJÓ, 1985, p. 28.

regras dos textos longuíssimos, permanecendo em certos momentos ainda um jornal um pouco pesado, avançou bastante também nesse sentido, principalmente em matéria de rosto: suas capas eram leves.

A primeira página da edição da semana entre 4 e 10 de janeiro de 1963 é perfeita nesse sentido (ver anexo). Há pelo menos três elementos nessa primeira página que confirmam a intenção de deixar o jornal mais ágil, fácil de ser lido. A manchete era sobre o plebiscito que devolveria o Brasil ao regime presidencialista, no governo de João Goulart. Era um artigo assinado por Luis Carlos Prestes. Ao lado, uma charge pregando o voto “Não”, defendido pelo PCB.

Na parte inferior, do lado esquerdo, três pequenas chamadas que remetiam para reportagens nas páginas internas, sem nenhum texto. Invariavelmente, as chamadas de primeira página eram acompanhadas por pequenos textos que resumiam ou mesmo introduziam o assunto da reportagem. Nessa primeira página, estão apenas as chamadas e o número das páginas em que estão as reportagens, o que era inusual.

Outro artifício que também contribuiu para a leveza da página, muito utilizado hoje, aliás, é o recurso das listas. No alto da página, “Novos Rumos” denuncia que a embaixada dos Estados Unidos estaria estimulando uma tentativa de golpe por parte do governador da Guanabara, Carlos Lacerda. Em seis pontos de uma lista, a chamada resume as principais denúncias da reportagem, na página 2. A quantidade de espaço em branco nessa capa contrasta com outras primeiras páginas da coleção de “Novos Rumos”, às vezes tomadas por textos.

3.3 HISTÓRIAS DO JORNAL E DA REDAÇÃO

Quase dois anos antes da primeira página descrita acima, a edição de “Novos Rumos” da semana entre 20 e 26 de outubro de 1961 chegava às bancas com uma página que mais poderia lembrar uma história em quadrinhos. É ainda mais rico, do ponto de vista da análise histórica, poder observar essa página, que fazia previsões para o ano de 1980, sabendo que o futuro desenhado e escrito ali não se concretizou. Ou, pelo menos, o regime teria seu fim nove anos depois.

Sob o título de “Como Viverão os Soviéticos em 1980?”, a matéria usava o XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) como gancho para imaginar a vida em Moscou dali a 17 anos. Entremendo textos que explicavam o conceito de comunismo e diziam quais eram os principais objetivos do socialismo, havia desenhos que ilustravam como seria a vida na União Soviética: um usuário do metrô chegava para embarcar. No guichê, em vez de comprar bilhete, um funcionário apenas carrega uma placa onde se lê: “grátis” (ver anexo).

O didatismo de alguns textos, desta e de algumas outras edições de “Novos Rumos”, mostrava como o partido pretendia também alcançar leitores entre pessoas que não estivessem ainda familiarizadas com o ideário comunista.

Grande parte dos leitores, porém, talvez preferisse um jornal mais “careta”, do ponto de vista formal e da linha editorial. A ampliação do repertório de temas de que o jornal tratava chegou a causar estranheza em alguns leitores. Houve pelo menos um caso inusitado, recordado para este trabalho por Henrique Cordeiro. Certa vez, “Novos Rumos” publicou na primeira página a foto de uma miss, que havia ganhado um concurso no Rio de Janeiro. Foram dezenas de cartas que chegaram à redação naquela semana, de leitores indignados: “Estavam revoltados pelo fato de um jornal sério, voltado mais para a política, publicar a foto de uma mulher de biquíni na primeira página”²⁷.

Há alguns outros exemplos de assuntos fora do campo político que mereceram destaque com foto na primeira página do semanário. Dois ligados ao esporte chamam a atenção de quem pesquisa a coleção: uma foto de Garrincha, com a taça Jules Rimet, quando o Brasil conquistou o bicampeonato mundial, em 1962, no Chile; e outra, que ocupou espaço ainda maior que o da destinada ao futebol, da tenista Maria Ester Bueno, em Londres, consagrando-se vencedora do torneio de Wimbledon, até hoje o mais tradicional do tênis mundial.

Não era apenas nas páginas do jornal que o esporte, notadamente o futebol, esteve presente em “Novos Rumos”. Discutia-se muito futebol naquela redação. Falava-se do esporte nacional mais até do que de comunismo, segundo relato certamente exagerado de alguns jornalistas que lá trabalharam. O semanário surgiu numa época em que o esporte e a cultura estavam em alta. Um ano antes do surgimento de “Novos Rumos”, a seleção havia sido campeã do mundo pela primeira vez, na Suécia. Nas artes, aqueles anos foram de grande efervescência:

²⁷ CORDEIRO, 2007.

principalmente na música, com o surgimento da Bossa Nova; e no cinema, com o Cinema Novo. No dia-a-dia, muitas vezes, o gosto de cada um não era pela sofisticação de um violão de João Gilberto ou a complexidade de um Glauber Rocha: segundo Henrique Cordeiro, o editor-chefe do jornal, Fragmon Carlos Borges, costumava chegar à redação sempre com uma nova piada na ponta da língua. Invariavelmente, eram de um jovem humorista cearense, que já fazia sucesso na época: Chico Anysio²⁸.

Ocupando o espaço de duas salas comerciais, não se podia dizer que “Novos Rumos” tinha uma redação grande, mas também não ficavam muito apertados os pouco menos de 20 jornalistas que trabalhavam lá diariamente. Entre 1962 e 1964, aquele espaço total era dividido em quatro ambientes: a sala do diretor da redação, Orlando Bonfim, que não chegava a ir diariamente ao jornal; a sala do editor-chefe, ocupada por Fragmon Borges; o arquivo do jornal; e a redação, propriamente dita. Havia ainda uma sala de “Novos Rumos” naquele mesmo prédio da Avenida Rio Branco, oito andares abaixo, onde funcionava o setor administrativo²⁹.

Eventualmente, alguns colaboradores do semanário visitavam a redação. Henrique Cordeiro lembra que as visitas mais concorridas eram as do Barão de Itararé, dono do jornal “A Manhã”.

Quando ele entrava na redação, todo mundo parava para escutá-lo. Lembro quando ele contou a história da frase “entre sem bater”, que é de autoria dele. Certa vez, invadiram a redação de “A Manhã”, quebraram tudo, e o levaram preso. Na volta, ele escreveu um aviso na porta “Entre. Sem bater”³⁰.

²⁸ CORDEIRO, 2007.

²⁹ ANDRADE, 2007.

³⁰ CORDEIRO, 2007.

4 A RELAÇÃO ENTRE O PARTIDO E A REDAÇÃO

Até hoje, ou principalmente nos dias atuais, quando um jornal pequeno é fundado, destaca-se, na série de auto-elogios que caracteriza qualquer lançamento de um produto, o adjetivo “independente”. Muito como contraponto das amarras a que estaria atada a grande imprensa. Basta olhar para a história do jornalismo, e não apenas no Brasil, para que se verifique que poucas famílias costumam controlar os principais meios de comunicação. A estranheza e a desconfiança com que ora está sendo vista a criação da TV Pública pelo governo Lula ilustram bem isso.

Com efeito, os laços estreitos que os “barões da mídia” sempre mantiveram com o poder no Brasil produziram um histórico de manipulação e adesismo da imprensa que alimenta cardápio variado de críticas. Para ficar no clichê, já há tempos tornou-se lugar-comum da esquerda tupiniquim o bordão “o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”. Enfim, certamente com razão em incontáveis episódios, cristalizou-se a impressão de que os meios de comunicação muitas vezes servem a políticos e partidos, para não falar dos grupos econômicos. A linha editorial dos grandes jornais brasileiros sempre foi “pró-establishment”.

Se jornais que pertencem a famílias ricas, dotados de boa saúde financeira, fazem jornalismo a serviço de grupos políticos, pouco ou quase nada se pode esperar, em termos de isenção e independência jornalística, de um veículo que, de fato, sem intermediários, pertencia a um partido político.

Não se pretende defender neste trabalho a idéia de que a redação de “Novos Rumos” era um oásis de independência, de que não havia influência nenhuma do partido ou de que se praticava naquelas páginas o jornalismo dos sonhos. O jornal refletia, e propagandeava, a ideologia do partido, que disso não reste dúvida. Havia uma linha editorial clara. Mas, e este é o ponto, a interferência direta do Comitê Central do PCB na produção do jornal era mínima. A ponto de se poder assegurar que de leveza inédita, na comparação com os antepassados de “Novos Rumos” na imprensa comunista. Não há lembrança, por parte dos entrevistados para este trabalho, dentre os pouquíssimos sobreviventes do semanário, de reunião ou comitiva partidária oficial qualquer dentro daquelas salas da Avenida Rio Branco.

4.1 INFLUÊNCIA DO COMITÊ CENTRAL SOBRE “NOVOS RUMOS”

Nem sempre se chegava à redação de “Novos Rumos” por indicação partidária. Aliás, nem todos ali eram filiados ao partido³¹. Mas os cargos de chefia eram exercidos por jornalistas ligados ao Comitê Central. Pode-se definir o que seria a cúpula da redação de “Novos Rumos”, na maior parte do período de existência do semanário, em torno de seis nomes: Orlando Bonfim Júnior, que era o diretor responsável; Luiz Mário Gazzaneo, que foi secretário de redação e depois redator-chefe; Fragmon Carlos Borges, editor-chefe e diretor, de fato, da redação; Almir Matos, editor de política; Josué Almeida, editor de economia; e Rui Facó, um dos principais redatores, escritor de militância antiga no PCB³².

A ponte com o Comitê Central do PCB era feita pelo diretor responsável. No primeiro ano de “Novos Rumos”, até meados de 1960, esse cargo foi exercido por Mário Alves, que anos depois seria assassinado pela ditadura³³. Ele foi sucedido por Bonfim, que fazia parte, inclusive, da Executiva do partido. O diretor responsável, na verdade, pouco participava da redação do jornal. Como já citado no Capítulo II, “Novos Rumos” ia para as bancas de todo o país às quintas-feiras. Nesse mesmo dia, havia uma reunião da “cúpula” do jornal com Bonfim. Era discutida a edição daquela semana, o que havia ficado bom, eventualmente com Bonfim apresentando algumas considerações do Comitê Central. Eram discutidos que rumos tomar, onde investir no conteúdo das edições das semanas seguintes.

Cabia também ao diretor responsável escrever os editoriais, que vinham sempre na primeira página do jornal³⁴. Algumas vezes, “Novos Rumos” saía com artigos de Prestes, o grande líder do partido. Para alguns especialistas na história política do Brasil, na história do comunismo, Prestes era, inclusive, maior que o próprio PCB. Mais do que o próprio partido, era sua figura que exercia liderança. Mas não eram freqüentes os artigos de Prestes. Habitualmente, o editorial era assinado pelo diretor responsável do jornal, explicitando claramente a opinião do

³¹ GASPARI, 2007.

³² GAZZANEO, 2007.

³³ GAZZANEO, 2007.

³⁴ GAZZANEO, 2007.

partido. Bonfim o redigia no final da manhã de quarta-feira, depois de havê-lo discutido, no início do dia, com seus companheiros da Comissão Executiva do Comitê Central.

Segundo Gazzaneo, o único ainda vivo dos que participavam das reuniões de avaliação do jornal na tarde de quinta-feira, o comando do partido, mais do que não interferir na pauta do semanário, sabia que isso não era necessário: todos conheciam bem a linha política do partido e a linha editorial do jornal. Embora alguns, raros, não fossem formalmente organizados no partido, eram todos comunistas, em geral militantes desde tempos em que a situação política do país era outra. Diz Gazzaneo:

Ninguém era aventureiro. Sabíamos bem o que o partido defendia. Mas tínhamos liberdade para fazer o jornal do jeito que quiséssemos. Não me lembro de ordens expressas para haver determinado enfoque ou deixar de cobrir alguma coisa. Acho também que não era necessário³⁵.

Cabe reiterar que essa relativa independência de que “Novos Rumos” gozava em relação a seu “patrão”, se não era nada demais em comparação com os grandes jornais da época, era absolutamente inédita em termos da imprensa política de esquerda. Seria impensável que algumas situações que lá ocorreram acontecessem, por exemplo, em “Voz Operária”, ou, mais ainda, nos jornais comunistas dos anos 30 e 40, quando a interferência do comando partidário era total. No semanário, as relações com o partido eram um pouco mais democráticas. Muitas questões eram discutidas, muitas vezes *a posteriori*, quando a reportagem em debate já estava nas ruas³⁶. Foram essas brechas que os jornalistas de “Novos Rumos” aproveitaram para produzir reportagens que não fossem eminentemente políticas, como visto no Capítulo II.


Como acontece, até mais freqüentemente, em jornais que não pertencem a partidos políticos, era natural que, dada a relativa liberdade de que a redação dispunha, houvesse situações em que determinadas reportagens desagradassem ao Comitê Central. Não foram muitas, mas algumas muito importantes, influentes até mesmo para a tomada de posição do PCB quanto a certos casos. Os três exemplos que se seguem ilustram bem essa relação entre redação e partido em momentos de atrito. Com alguns bastidores da redação, é possível notar que havia real vocação jornalística em “Novos Rumos”.

³⁵ GAZZANEO, 2007.

³⁶ GAZZANEO, 2007.

4.2 CASOS DE CONFLITO ENTRE REDAÇÃO E COMITÊ CENTRAL

4.2.1 A vinda de Tito ao Brasil

Em 1963, o presidente da Iugoslávia, Tito, chegaria ao Brasil para uma visita. Seria a primeira passagem de um chefe de Estado comunista pelo país. O grande problema é que os comunistas iugoslavos já divergiam abertamente do comando soviético, afastando-se cada vez mais da ortodoxia política e econômica receitada pelo PCUS. Tito fora o símbolo da luta guerrilheira contra os nazistas na Segunda Guerra Mundial e unificara sob o comunismo o seu multifacetado país. Mas agora, sem abrir mão do comunismo essencial, já era considerado um dos líderes da política de não-alinhamento com os dois blocos hegemônicos na Guerra Fria³⁷. Sua crescente autonomia atordoava o movimento comunista mundial. Jogar holofotes e festejar a chegada de Tito ao Brasil significaria o risco de desagradar ao comando do PCB, aliado fiel dos soviéticos. Mas diante do interesse provocado pelo ineditismo da viagem, a redação de “Novos Rumos” decidiu fazer um caderno especial sobre a chegada de Tito. Extensas reportagens falando sobre o regime iugoslavo, suas conquistas, muitas fotos - e um impasse criado. 


A dúvida era se o comando da redação deveria ou não consultar o Comitê Central do partido antes de rodar o caderno. A opção final foi intermediária. Luiz Mário Gazzaneo, então secretário de redação de “Novos Rumos”, optou por uma consulta informal diretamente a Luiz Carlos Prestes. O relato é do próprio Gazzaneo:

Liguei para o Prestes, mas não fazia idéia do que seria a decisão dele. Contei que havíamos produzido um caderno sobre a chegada do Tito. A resposta foi curta: “Imprima o caderno. É a primeira visita de um líder comunista ao Brasil”³⁸.

Vale lembrar que, à época do XX Congresso do PCUS, Prestes era um convicto stalinista e foi um dos que demoraram a se convencer de que o PCB também deveria fazer a mudança política comandada por Krushev na União Soviética. A anuência de Prestes a que se publicasse o caderno não tinha, portanto, a expectativa de favas contadas. As oito páginas sobre a chegada de Tito foram para a gráfica sem que a direção do partido fosse formalmente avisada. Um

³⁷ COELHO, 2000, p. 338.


³⁸ GAZZANEO, 2007.

exemplo de que a redação seguia, claro, uma linha editorial diretamente vinculada ao que pensava o PCB, mas que a relação não era assim tão automática. 

Esse caso é emblemático, inclusive, de como a atividade jornalística pode interferir no jogo político de um partido, mesmo quando o veículo é subvencionado por esse partido. Por conta de seu afastamento da linha soviética, o PC iugoslavo não mantinha, àquela época, boa relação com o PCB. A partir da visita de Tito e da publicação do caderno especial de “Novos Rumos”, houve um estreitamento dessa relação. A participação do jornal do PCB, no caso, foi de fundamental importância.


4.2.2 A publicação de “Um dia na vida de Ivan Denissovitch”

Em 1962, outra situação criou embaraços entre a redação de "Novos Rumos" e o Comitê Central do PCB. O escrito russo Alexandre Soljenitsin acabara de lançar, na União Soviética pós-XX Congresso do PCUS, o livro “Um dia na vida de Ivan Denissovitch”. A obra contava histórias de um prisioneiro de um dos campos de concentração do regime stalinista. Mesmo seis anos depois do Relatório Krushev, que apontara os crimes cometidos por Stalin, o relato detalhado de maus-tratos contra prisioneiros teve grande impacto dentro e fora do movimento comunista. As “viúvas” de Stalin, claro, refutavam o conteúdo. Em 1961, como relatado no primeiro capítulo deste trabalho, o grupo mais “radical” já havia sido expulso do PCB e logo fundaria o PCdoB. Ainda havia muita gente, porém, que optara por ficar no “partidão” mesmo não sendo adepta da linha revisionista de Krushev. Vale lembrar que se o PCB, que era o partido de Prestes, uma liderança carismática, enfrentava grandes dificuldades na luta política no país, uma dissidência do movimento comunista no Brasil, ao nascer, certamente carecia de relevância.


 Mas, mesmo para os que comungavam da nova diretriz política adotada pelo PCB desde a Declaração de Março de 1958, não era fácil admitir os crimes cometidos pelo regime stalinista. A descrição, com a conseqüente admissão, desses crimes era, portanto, delicadíssima para o PCB. Mesmo assim, “Novos Rumos” decidiu publicar, na íntegra, no mesmo ano de sua publicação na URSS, “Um dia na vida de Ivan Denissovitch”³⁹. Em forma de folhetim, antiga tradição da

³⁹ GAZZANEO, 2007.

imprensa brasileira, um capítulo por semana. O interesse jornalístico se sobrepôs a eventuais tentativas de esconder atrocidades do regime soviético que até hoje alguns comunistas teimam em negar.

Os relatos eram pormenorizados. Prisioneiros que, por motivos insignificantes, eram condenados a até 25 anos de prisão e a trabalhos forçados, na região siberiana. O dia-a-dia detalhado, desde a hora em que se levantam, aproximadamente cinco da manhã, até a hora em que voltam do local de trabalho, já depois das nove da noite: a brutalidade dos guardas, a dureza do trabalho sob o frio de mais de 20 graus abaixo de zero, a escassez de comida e o clima de constante tensão entre os prisioneiros⁴⁰. 

A própria história de vida de Soljenitsin é interessantíssima. Ele ingressou no exército soviético aos 24 anos, em 1942, já durante a Segunda Guerra Mundial. Lutou no front por três anos. Em 1945, Soljenitsin integrava a linha de frente que avançava em direção a Berlim. Foi preso pela polícia de Stalin quando estava num acampamento na Prússia Oriental. O motivo: havia sido interceptada uma carta sua para um amigo com críticas ao líder soviético. A condenação: oito anos de trabalhos forçados em um campo de concentração. Nunca se soube se os relatos contidos no livro foram vividos pelo próprio autor. Mais provável que tenha sido uma colagem do que sofreu com o que presenciou.

Libertado em 1953 (o cumprimento da pena coincidiu com a morte de Stalin), Soljenitsin dedicou-se à literatura, sem desprezar a política. Hoje, aos 88 anos, vive recluso nos arredores de Moscou. Deu pouquíssimas entrevistas desde então. Notabilizou-se também como crítico feroz do ex-presidente russo Boris Yeltsin. Em 1970, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. Em junho de 2007, foi homenageado pelo governo russo, pessoalmente pelo presidente Putin. 

4.2.3 O discurso de Giancarlo Pajetta

Difícilmente um partido político ousa expor seus rachas internos. Quase sempre, adota-se a postura de, publicamente, fingir que não há divisões. A cizânia provocada pelo Relatório Krushev praticamente dividiu o movimento comunista em dois: os que seguiam o revisionismo,

⁴⁰ Soljenitsin, 1973, p. 94-102.

orientados pela nova política do PCUS, e os que eram contra as denúncias do stalinismo, grupo que se pôs sob a liderança do Partido Comunista Chinês, comandado pela cultuada personalidade de Mao Tsé Tung.

Um congresso do Partido Comunista Italiano, em 1962, ou seja, seis anos depois das revelações de Krushev, entrou para a história por causa do discurso do responsável pela política externa do partido, Giancarlo Pajetta. Basicamente, em seu discurso, Pajetta dizia que era hipocrisia fingir que nada estava acontecendo. Que o movimento comunista devia enfrentar abertamente a crise interna. O dirigente criticou duramente a postura chinesa, sinalizando que o PC italiano alinhara-se com os soviéticos⁴¹.

As relações do PC italiano com o PCB eram cordiais, mas muitos dirigentes brasileiros atribuíam aos italianos uma postura “de direita”. A redação de “Novos Rumos” decidiu publicar a íntegra do discurso de Pajetta, sem consultar o Comitê Central do PCB, como lembra Gazzaneo, à época redator-chefe do semanário:

Sou descendente de italianos, tinha boas relações com alguns comunistas de lá e consegui o discurso. Decidimos não consultar o partido, mais uma vez. Acabou não ocorrendo maiores problemas. Pelo contrário. Mais ou menos nessa época, o PCB afinou-se de uma vez com a linha de Krushev. Acho que o jornal teve uma influência importante nesse episódio⁴².

⁴¹ GAZZANEO, 2007.

⁴² GAZZANEO, 2007.

5 O POSICIONAMENTO POLÍTICO DO PCB ATRAVÉS DE “NOVOS RUMOS”

Os cinco anos de existência de “Novos Rumos” coincidiram com um dos períodos mais instáveis, do ponto de vista institucional, da história política da República brasileira. Basta dizer que, entre 1959 e 1964, a cada ano houve uma mudança, seja do nome de quem governava o país ou do sistema sob o qual ele era governado: em 1959, quando surgiu o semanário, o presidente ainda era Juscelino Kubitschek. Em 1960, foi eleito Jânio Quadros. No ano seguinte, Jânio renunciou, com a tentativa frustrada de voltar nos braços do povo e superpoderoso. Assumiu o poder João Goulart, que governou o país durante todo o ano de 1962 sob o sistema parlamentarista. Em 1963, por força de um plebiscito, voltou o presidencialismo. Finalmente, em 1964, o golpe do dia primeiro de abril mergulhou o país na ditadura militar – e dele, por ter durado 21 anos, poder-se-ia dizer que restaurou a normalidade institucional, não tivesse sido caracterizado justamente por ter posto fim às instituições democráticas.

Este resumo serve para mostrar como, na análise do semanário, é imprescindível tratar de como se posicionou “Novos Rumos” – leia-se o PCB – em pelo menos algumas passagens desses anos tão conturbados. É o que se pretende fazer neste capítulo, desde a oposição ferrenha à candidatura janista ao “apoio crítico” e à contraditória relação entre o partido e o governo Jango, refletida nas páginas do jornal.

Quando, através da Declaração de Março de 1958, o PCB assumiu oficialmente a postura de seguir um “caminho pacífico” na luta pela revolução socialista, o que equivalia a adotar como estratégia, sistematicamente, alianças políticas com partidos “burgueses”, já havia apoiado um “não esquerdista” três anos antes, na vitoriosa campanha, para presidente, de Juscelino Kubitschek. Ainda assim, grande parte do partido, e muitos comunistas brasileiros em geral, rejeitavam qualquer aliança com os “burgueses”, por contrária aos interesses nacionais e populares. Esse racha na esquerda, entre os que entendiam que a luta deveria ser travada dentro dos meios institucionais da democracia e os que pregavam a revolução por qualquer meio, durou inclusive até depois do golpe militar – houve quem decidisse pela luta armada na clandestinidade, os que optaram pelo exílio e outros muitos que, mesmo clandestinos no país, não acreditavam que lutar a fogo contra a ditadura fosse o caminho mais inteligente. Não se quer, aqui, entrar nessa

divisão da esquerda no país. O capítulo pretende se concentrar no posicionamento político do PCB expresso em “Novos Rumos” ao longo daqueles anos.

Na década de 1950, os jornais posicionavam-se claramente nas eleições, mesmo os que não pertenciam a partidos políticos. Os “barões da imprensa” tinham seus candidatos, e isso era exposto claramente aos (e)leitores. Não era raro, e isso aconteceu também em “Novos Rumos”, que se publicassem, nos jornais, réplicas das cédulas de votação, contendo os nomes pelos quais o leitor deveria optar no pleito. A batalha política se dava muito pelos jornais. Os editoriais eram verdadeiras armas de ataque (ou defesa) a serviço de alguns políticos, e o tiroteio era diário. Lacerda atacava de um lado, na “Tribuna da Imprensa”, e Jango respondia de outro, pelas mãos de Samuel Wainer, na “Última Hora”. E por aí vai. Os editoriais de “O Jornal”, de Assis Chateaubriand, por exemplo, não tinham o menor compromisso com a coerência: o câncer da política nacional do passado recente poderia ser o melhor candidato da próxima eleição, dependendo do ajuste de interesses.

Que ainda hoje os donos de jornal tenham seus candidatos é outra história – o fato é que o apoio político se dá de maneira diferente do que ocorria na época. Pelo menos no discurso, os grandes veículos do país são agora apartidários e tratam com isenção e isonomia todos os candidatos. A adesão a determinada candidatura, quando acontece, é de maneira mais sutil, e ainda há o fato de que hoje a televisão, que ainda engatinhava na época, tem um peso enorme.

Naqueles tempos, tudo era mais “pão, pão, queijo, queijo”. Preto no branco. Para ficar apenas nas eleições presidenciais, “Novos Rumos” apoiou o marechal Lott na campanha em que foi derrotado por Jânio Quadros, encampou a “Cadeia da Legalidade”, comandada por Leonel Brizola de Porto Alegre quando Jânio renunciou, e festejou a chegada de João Goulart ao poder. O governo Jango é, sem dúvida, o período mais interessante para ser analisado, uma vez que o semanário serve como perfeito termômetro do humor bipolar dos comunistas em relação ao presidente: o “apoio crítico” era, na verdade, ora apoio apaixonado, ora crítica feroz.

Neste capítulo, serão analisadas estas três passagens desse período da história, do ponto de vista do posicionamento político do PCB, refletido nas páginas de “Novos Rumos”: a eleição para a sucessão de Juscelino Kubitschek, a renúncia de Jânio e a “Cadeia da Legalidade”, comandada por Leonel Brizola, e o governo de João Goulart.

As circunstâncias daquele período colaboraram para tornar “Novos Rumos” ainda mais importante, no sentido do posicionamento político-eleitoral do PCB. O partido estava na

ilegalidade. Não era possível, portanto, que um de seus filiados discursasse na Câmara dos Deputados, sob a sigla do PCB. É bem verdade que muitos comunistas se elegiam por outros partidos. Mesmo assim, não podiam falar, no Congresso, oficialmente em nome do PCB. O jornal, então, tornava-se a principal tribuna pública dos comunistas. E foi intensamente explorada naqueles anos.

5.1 O APOIO A LOTT E A RENÚNCIA DE JÂNIO

A campanha da sucessão de Juscelino, em 1960, para eleger o primeiro presidente a iniciar o mandato em Brasília, foi das mais acirradas da história política brasileira. Os principais candidatos eram o Marechal Lott, pelo PSD, e Jânio Quadros, pela UDN. Ambos, pode-se dizer, partidos de centro-direita. Imprescindível lembrar que essa foi a primeira eleição presidencial após a Declaração de Março de 1958 do PCB, que, como visto no primeiro capítulo, ratificou e formalizou as mudanças por que passava o partido. Entre elas, a nova forma de fazer política. Admitindo alianças com partidos “burgueses”, mas que defendessem idéias nacionalistas e democráticas.

Encaixava-se nesse perfil o Marechal Lott, embora estivesse a léguas de ser um esquerdista. Lott havia garantido o funcionamento das instituições democráticas cinco anos antes, quando derrotou, no episódio que ficou conhecido como o 11 de Novembro de 1955, a tentativa golpista de se impedir que Juscelino Kubitschek assumisse a presidência, mesmo tendo vencido a eleição.

Foi, portanto, natural que o PCB apoiasse Lott. E esse apoio estava expresso nas páginas de “Novos Rumos”. Na edição de número 55 do jornal, datada da semana entre 18 e 24 de março de 1960, a manchete do semanário era uma chamada para artigo de Luiz Carlos Prestes, intitulada “Comunistas Apóiam Lott” (ver anexo). O texto da chamada deixava claro que a questão dos interesses nacionais, era fator de peso na decisão de apoiar o candidato do PSD.

Os comunistas vêm-se empenhando na campanha eleitoral. Sua ação faz-se sentir principalmente em dois sentidos: revelando o caráter entreguista da candidatura de Jânio Quadros e procurando unir correntes nacionalistas em torno da candidatura Teixeira Lott. Agora, através de documento assinado por Luiz Carlos Prestes (leia na página 3 do segundo caderno), é tornado público o apoio oficial dos comunistas à chapa Lott-Jango⁴³.

⁴³ “NOVOS RUMOS”, Rio de Janeiro, 18-24 mar. 1960.

O texto ilustra muito bem a importância do papel de “Novos Rumos” na divulgação das posições do PCB. O jornal era instrumento para fazer política. Era, na verdade, o principal instrumento, dada a formal clandestinidade do PCB. Decorre dessa circunstância um detalhe interessante de se observar: nos textos de “Novos Rumos”, como ocorre na chamada de primeira página transcrita acima, o jornal se refere ao partido, ao grupo político, como “os comunistas”. O título é “os comunistas apóiam Lott”, e não “o PCB apóia Lott”. Não era, claro, uma questão de diagramação. A ilegalidade obrigava o semanário a omitir o nome do partido do qual era portavoz, embora fosse de conhecimento de todos, naturalmente, que “Novos Rumos” pertencia ao PCB.

Aquela foi uma das campanhas mais acirradas já vistas no país. Não exatamente pelo resultado, mas principalmente pelo clima beligerante durante o desenrolar, típico da política dos anos 50. De seu lado, Jânio Quadros empunhava uma vassoura para dizer que varreria a corrupção do país. O discurso calcado na moralidade obtinha repercussão e grande rendimento eleitoral. Mas Jânio também era atacado com algum moralismo.

Algumas edições de “Novos Rumos” explicitam bem esse clima. O nível baixou várias vezes. Jânio tinha fama de bebedor, e esse “ponto fraco” não era poupado pelos adversários. Muito pelo contrário. Na edição de número 81, da semana entre 16 e 22 de setembro, a primeira página de “Novos Rumos” trazia uma chamada para reportagem produzida pela sucursal do Recife, sobre a visita dos candidatos ao Nordeste. A manchete era: “Povo Aclamava Lott enquanto Jânio curtia ressaca”.

Na semana seguinte, “Novos Rumos” publicou uma reportagem do jornal “Correio da Paraíba” cujo título era “Um alcoólatra visitou João Pessoa” (ver anexo). O primeiro parágrafo do texto é nada menos que sensacional:

A Paraíba cobriu-se de vergonha, as famílias pejaram-se de pudor, as crianças recolheram-se ao mutismo característico do medo, com a visita afrontosa que fez ontem e anteontem o alcoólatra Jânio da Silva Quadros. Não só nos envergonhou a visita de sua pessoa física asquerosa e quixotesca, mas sobretudo a maneira condenável como se apresentou às nossas famílias, ante a nossa sociedade, o indesejável visitante. Com efeito, apresentou-se altamente embriagado (...)⁴⁴

⁴⁴ “NOVOS RUMOS”, Rio de Janeiro, 23-29 set. 1960

Era esse muitas vezes o nível a que chegavam os jornais na guerra de uma campanha eleitoral. Jânio venceu, assumiu no final de janeiro de 1961, e, em agosto daquele mesmo ano, renunciou. Este trabalho não vai entrar nos detalhes políticos da renúncia. No dia seguinte a ela, “Novos Rumos” comemorou a decisão e já se posicionava sobre a sucessão de Jânio, que não foi, nem de longe, simples como determinava a lei vigente, segundo a qual o vice-presidente deveria assumir.

5.2 A CADEIA DA LEGALIDADE E O DISTANCIAMENTO ENTRE PCB E BRIZOLA

A renúncia de Jânio desencadeou um dos episódios mais interessantes da recente história política brasileira. E um dos poucos em que as forças de esquerda saíram vitoriosas. O vice-presidente era João Goulart. Vale lembrar que, naquela época, a legislação eleitoral não exigia que o vice-presidente eleito fosse da mesma chapa do presidente. Em 1960, Jânio, da UDN, vencera o sufrágio para o mais alto cargo da República, mas a vice-presidência ficara com Jango, herdeiro político de Getúlio Vargas, que se candidatara na chapa do Marechal Lott, representando o PTB, partido adversário dos udenistas que se coligara com o PSD. Quando o presidente entregou a renúncia, Jango estava em visita à China, onde havia se encontrado com Mao Tsé Tung.

Criou-se um impasse para saber quem assumiria o poder. Por pouco, o golpe que aconteceria poucos anos depois não se consumou naquele momento. As forças conservadoras, tanto militares quanto a UDN, notadamente o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, uniram-se para impedir a posse de Jango. Curiosamente, depois de perder seguidas eleições, tanto para Getúlio quanto para Juscelino, finalmente a UDN conseguiu chegar ao poder. Só que pela figura de Jânio Quadros, de notória instabilidade, para usar um eufemismo. Resultado: a UDN não conseguiu completar sete meses na Presidência. Ver novamente um trabalhista presidente, ainda mais Jango, era se deparar novamente, num grau de realidade terrível, com o fantasma de Getúlio Vargas.

Tentou-se de tudo para impedir que Jango assumisse. A cúpula das Forças Armadas – ministros do Exército, da Marinha e da Aeronáutica – pressionava o Congresso e, sem mais disfarces, vetou a posse do vice-presidente João Goulart, posição na qual as forças políticas conservadoras também investiam. Era uma articulação contrária ao que dizia a Constituição.

Nos dias seguintes à saída de Jânio, Jango não tinha condições sequer de, voltando da China, pousar com segurança em Brasília.

Numa atitude corajosa, Brizola, governador do Rio Grande do Sul, tomou a liderança do movimento legalista, pela posse de Jango. Aquartelou-se no Palácio Piratini, sede do governo em Porto Alegre, e pôs em rede as estações de rádio gaúchas para mobilizar a população. Criou o que ficou conhecido como a “Cadeia da Legalidade”. Em transmissões ininterruptas, 24 horas por dia, convocava a população a não aceitar o golpe, a resistir e apoiar a posse do vice-presidente. Mais de cem emissoras no país entraram na rede. Durante o dia, além dos longos discursos de Brizola, eram tocados hinos nacionalistas. A opinião pública estava a favor da posse de Jango.

E o PCB também, claro. A chance de um governo realmente de esquerda ter vez no Brasil parecia real, com a renúncia de Jânio. E “Novos Rumos” mostrava que o partido entrava de cabeça na luta pela posse de Jango. A manchete, em letras garrafais, da edição extra número 130, do dia 27 de agosto de 1961, dois dias depois da renúncia, não deixava dúvidas: “Prestes lança Manifesto. Solução para a crise: Jango na Presidência” (ver anexo). Em páginas internas, textos enaltecendo e apoiando a iniciativa de Brizola⁴⁵.

Uma edição extra no dia 4 de setembro comemorava o desfecho da crise. No alto da primeira página, lia-se: “Brizola anuncia: Presidente Goulart em Brasília às 12h”. Antes e depois desse episódio, dificilmente encontra-se tanto destaque para Brizola em “Novos Rumos”. A relação do PCB com o governador gaúcho não era das mais estreitas. Não que fossem adversários, até porque o pensamento de esquerda lhes era característica comum. Mas não havia maior aproximação.

Na verdade, Brizola nunca fora comunista. Não tinha grande apreço por teoria política. Seu pensamento era muito mais pragmático. Era um nacionalista, pensava a luta política e ações de governo. Passava ao largo de elaborações teóricas, dava de ombros para a doutrina soviética. Luiz Mário Gazzaneo, de “Novos Rumos”, lembra que não houve qualquer tipo de melindre do jornal em apoiar o político gaúcho. “É possível dizer que as relações do PCB com o Brizola eram distantes, frias. Ele nunca foi um comunista. Mas, naquele momento, teve uma participação fundamental. E “Novos Rumos” reconheceu isso”⁴⁶.

⁴⁵ “NOVOS RUMOS”, Rio de Janeiro, 27 ago. 1961

⁴⁶ GAZZANEO, 2007.

Tradicionalmente, a esquerda – e o caso brasileiro não foge à regra, longe disso – mostra vocação para a divisão, para o racha. O episódio da posse de Jango foi um dos raros momentos em que ela esteve unida. Certamente não é coincidência que foi, da mesma forma, uma das pouquíssimas vezes que saiu vitoriosa.

O desfecho da posse de Jango revelou um traço da sua personalidade que se faria mais ostensivo ainda durante seu governo – e lhe traria grande dor de cabeça na relação com os esquerdistas: a vocação para a conciliação. Depois de pousar no Uruguai e entrar no país pela fronteira com o Rio Grande do Sul, Jango decidiu aceitar um acordo com os que queriam impedir que assumisse o poder: governaria o país, mas sob o regime parlamentarista, que lhe cassava alguns poderes como presidente. Brizola foi taxativamente contra o acordo, mas Jango não o ouviu sob o argumento de que não queria banhar o país de sangue.

5.3 A CONTRADIÇÃO DO APOIO CRÍTICO A JANGO

Na disputa para evitar o golpe e garantir que Jango assumisse a Presidência, a esquerda havia marchado unida. Mas, uma vez no poder, não chega a surpreender que a tendência a se dividir recrudescesse. Foi o que aconteceu naqueles pouco mais de dois anos, e certamente um dos motivos que levaram ao clima que propiciou o golpe bem-sucedido de 1964. No início de seu governo, Jango contava com amplo apoio popular. A “Cadeia da Legalidade” estivera amparada pela aceitação da opinião pública.

Tanto Jango tinha a maioria da população, que, em 1963, venceu o plebiscito que recolocou o Brasil sob o sistema presidencialista e lhe devolveu os poderes que o deixaram em condição de fazer as reformas com que a esquerda tanto sonhava. E foi justamente ali que tudo começou a desandar. O presidente já sofria pressões da esquerda, mas ali o clima de “ou vai ou racha” estabeleceu-se de vez.

No plebiscito, a posição do PCB estava novamente explicitada em “Novos Rumos”. Na semana da consulta, que se realizou em 6 de janeiro de 1963, “Novos Rumos” chegou às bancas, no dia 4, com um artigo de Prestes na primeira página, intitulado “Todos às urnas no dia 6 para votar NÃO” (que era o voto pelo presidencialismo; votar “sim” seria votar pela continuação do parlamentarismo). O texto mostra perfeitamente qual era a posição dos comunistas naquela altura

do governo Jango. O presidente já era acusado de “conciliador”, mas, no plebiscito em si, o líder do PCB defendia que era preciso não dar margem às manobras golpistas da direita:

(...) Sem deixar de denunciar e combater a política de conciliação com o imperialismo e o latifúndio do atual governo, é dever patriótico não vacilarmos no apoio firme de que necessita para resistir com êxito às ameaças do imperialismo e da reação (...)⁴⁷

Poucas linhas antes, no entanto, Prestes deixava claro que a fatura daquele apoio seria apresentada ao presidente:

Ir às urnas e votar “Não”, já agora, não é apenas votar pela volta ao presidencialismo, mas é exigir do sr. João Goulart que organize um ministério que possa inspirar confiança ao povo, um ministério capaz de iniciar as reformas de base e que possa abrir caminho à conquista de um governo nacionalista e democrático⁴⁸.

Enquanto ainda governava sob o regime parlamentarista, Jango dispunha da justificativa, na visão radical, de que não tinha poder para fazer as reformas da maneira – ou, pelo menos, na velocidade – com que elas precisavam ser feitas. Quando o presidencialismo voltou, e com o apoio dos comunistas, ainda que seja correto presumir que o presidente venceria o plebiscito mesmo sem ele, não havia mais motivos para não se cobrar de Jango que mostrasse a que viera. A palavra de ordem do PCB, durante todo o ano de 1963, era reivindicar um governo “nacionalista e democrático”. No seu livro “Imprensa e Política no Brasil - A militância jornalística do proletariado”, Lincoln de Abreu Penna fala sobre a sensação provocada entre os comunistas de que a vitória no plebiscito era o sinal verde, com apoio popular, para iniciar profundas reformas na sociedade:

O ano de 1963 conheceu uma verdadeira escalada da radicalização dos comunistas, e *Novos Rumos* registrou-a com absoluta transparência. O apoio ao plebiscito de janeiro desse mesmo ano, como “exigência democrática”, longe estava de traduzir-se em um compromisso formal com a democracia. Quando dos resultados francamente favoráveis ao retorno do sistema presidencialista, os comunistas avaliaram esta manifestação do eleitorado como um apoio incondicional ao presidente e suas reformas⁴⁹.

Em quase todas as edições daquele ano criticava-se o que seria a “conciliação” do governo Jango com os setores reacionários da sociedade. Batia-se tanto na mesma tecla que surgiu até uma piada na redação, sobre essa insistência, como lembra Luiz Mário Gazzaneo. “A

⁴⁷ “NOVOS RUMOS”, Rio de Janeiro, 4-10 jan. 1963.

⁴⁸ “NOVOS RUMOS”, Rio de Janeiro, 4-10 jan. 1963.

⁴⁹ PENNA, 2007, p. 163.

gente brincava que a próxima manchete seria 'Por um governo nacionalista e democrático. Abaixo a conciliação!'. E, na semana seguinte, diríamos: 'Abaixo a conciliação. Por um governo nacionalista e democrático!'"⁵⁰.

O acirramento político foi se acentuando até o ano seguinte. Jango era acusado, à direita, de pretender implantar o regime comunista no país, e, à esquerda, de falta de vontade política para realizar as reformas de base. Em março de 1964, a radicalização de um lado, e o golpismo de outro, chegavam ao limite. O PCB, e “Novos Rumos” refletia isso, pressionava cada vez mais intensamente para que Jango desse início de fato às reformas de base. A manchete da edição da semana de 13 a 19 de março, sobre o célebre Comício da Central, quando alguns esquerdistas, notadamente Brizola, “atearam fogo” ao clima político que já era de alta combustão, foi a seguinte: “Comício da Central: Decisão do Povo de Conquistar as Reformas de Base Com Nova Política e Novo Governo”⁵¹.

“Novo Governo” não significava propriamente a deposição de Jango, mas a exigência de uma guinada na política de conciliação do presidente. Menos de um mês depois daquela manchete, contudo, havia realmente um novo governo. E nada conciliador.

5.3.1 O documento de San Tiago Dantas

Já em 1964, mas ainda antes do golpe que vitimaria a democracia e “Novos Rumos”, o semanário do PCB protagonizou um episódio que desagradou à direção do partido, à época, como se viu, alinhada aos radicais que exigiam do governo federal pressa e radicalização nas reformas de base. Em junho de 1963, San Tiago Dantas, que havia sido ministro das Relações Exteriores e ministro da Fazenda no governo Jango, afastara-se do governo por problemas de saúde e decidira retomar e cumprir até o final seu mandato na Câmara dos Deputados, no Congresso Nacional.

Mesmo atuando como deputado, Dantas continuava a ser uma das pessoas mais próximas ao presidente. E, com o distanciamento de quem já estava fora do governo, poderia observar mais claramente a situação. Dantas percebeu que, pressionado pelo radicalismo da esquerda, e pela crescente insatisfação à direita, Jango estava ficando cada vez mais maduro para ser derrubado. Fosse por pressão dos que achavam que a revolução estava logo ali, ou pela reação dos que

⁵⁰ GAZZANEO, 2007.

⁵¹ “NOVOS RUMOS”, Rio de Janeiro, 13-19 mar. 1964.

diziam temer que o comunismo tomasse de assalto o país. Latifundiários, setores militares e o conservadorismo político já aprofundavam o discurso golpista, que dali até abril só se acentuaria.

Dantas, então, tentou, como podia, ajudar a salvar o governo. Escreveu um documento, tentando articular uma composição, com concessões à esquerda e à direita, para preservar Jango. O texto fazia a defesa de uma frente ampla, que unisse políticos de diferentes matizes, a fim de se garantir que as eleições previstas para o ano seguinte de fato ocorressem⁵². Para agradar à direita e, em especial, aos latifundiários, propunha que o governo patrocinasse uma reforma agrária que não fosse radical, que acontecesse gradualmente. Por outro lado, argumentava a favor da legalização do PCB, no esteio de sua defesa das instituições democráticas.

As idéias da frente ampla e da reforma agrária não-radical foram torpedeadas pela esquerda. O PSD não admitia aliar-se a nenhum partido se esta aliança não fosse em torno do nome de Juscelino Kubitschek. Brizola detonou a reforma agrária gradual⁵³. Os comunistas também ficaram contrários a Dantas. Foi nesse momento que “Novos Rumos” teve participação importante. A “Tribuna da Imprensa”, jornal diário que pertencia a Carlos Lacerda, foi o primeiro jornal a publicar o documento de Dantas, que, de resto, fragilizava o discurso da esquerda. Mesmo com o PCB tendo desaprovado as propostas de Dantas, a redação de “Novos Rumos” decidiu, novamente sem fazer consulta prévia ao partido, publicar o texto na íntegra.

Luiz Mário Gazzaneo, então redator-chefe, lembra que essa foi, talvez, a decisão mais difícil que a redação tenha tomado em sua relação com o partido. Mais até do que em outros casos, contados no Capítulo III deste trabalho.

Quando lemos o documento, quisemos publicar. Estávamos reunidos eu, Fragmon Carlos Borges, o editor-chefe, e Almir Matos, que era editor de política. Publicamos, sem consultar o partido. Sofremos severas críticas do PCB, que disse que aquilo representava conciliação, que ia contra os interesses nacionais⁵⁴.

Vale lembrar que San Tiago Dantas já não era exatamente querido pelos comunistas há pelo menos um ano, quando ainda era ministro da Fazenda. À época, ele cunhou os termos “esquerda positiva” e “esquerda negativa”⁵⁵. A positiva seria aquela esquerda que compreendia que, para se chegar às pretendidas reformas de base na sociedade, era inevitável que se fizessem certas alianças políticas. A negativa seria a puramente radical, que queria implementar as

⁵² COELHO, 2000, p. 258.

⁵³ COELHO, 2000, p. 259.

⁵⁴ GAZZANEO, 2007.

⁵⁵ COELHO, 2000, p. 256.

mudanças na marra. Segundo Dantas, as atitudes negativas, movidas pelo afã revolucionário, mais atrasavam que aceleravam o processo de superação dos problemas do país. A atitude que contrariava o pensamento da direção partidária, em um momento delicadíssimo da política nacional, foi uma demonstração, já nos – para aqueles jornalistas, insuspeitados – estertores da existência de “Novos Rumos”, de que ali se fazia, como sói acontecer numa redação, mais jornalismo que política.

6 O GOLPE MILITAR E O FIM DE “NOVOS RUMOS”

6.1 O CLIMA GOLPISTA E O DILEMA DE JANGO

É muito aceita, entre historiadores, a tese de que o suicídio de Vargas, em 1954, adiou por dez anos o golpe que estava por acontecer. Como se viu no capítulo anterior, o governo João Goulart foi marcado pela atmosfera golpista, um ambiente que se acentuou entre 1963 e 1964. Sem falar nos militares, que viriam a tomar efetivamente o poder, havia vários políticos de olho na sucessão de Jango: os governadores Carlos Lacerda (Guanabara), Leonel Brizola (Rio Grande do Sul e cunhado do então presidente), Magalhães Pinto (Minas Gerais), Ademar de Barros (São Paulo) e Miguel Arraes (Pernambuco) eram potenciais candidatos à Presidência, além do ex-presidente Juscelino Kubitschek.

Sem entrar nos pormenores da escalada do acirramento político no primeiro semestre de 1964, cabe lembrar a bifurcação que se apresentava à frente de Jango. Tendo como pano de fundo a instabilidade econômica, com uma inflação que havia chegado quase aos 50% no ano anterior, o presidente, a cada movimento que fazia, era pressionado por aliados, radicais ou “moderados”. Brizola, que chegou várias vezes a pedir ao presidente que o nomeasse ministro da Fazenda, e não perdia oportunidade de atear fogo na luta política, era um dos que defendiam que a esquerda deveria recorrer à força antes que os militares o fizessem. Por outro lado, alguns integrantes do governo, como os ministros Tancredo Neves e Almino Affonso, eram vozes da moderação. Pelo muito que se escreveu nas décadas seguintes, Jango ficou marcado por tibieza e inabilidade política, características contestadas por quem conviveu de perto com o presidente.

Àquela altura, o PCB – e, conseqüentemente, “Novos Rumos” – estava do lado dos que pressionavam Jango a radicalizar. A cada tentativa de conciliação, algumas delas expressas no documento de San Tiago Dantas, o presidente apanhava nas páginas dos jornais. Enquanto isso, a direita e os militares acumulavam apoio popular, comprovado nas cada vez maiores “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”, que se multiplicavam por várias capitais do país.

Hoje é nítido, é fácil notar, que o clima era de alta combustão. Na época, na redação de “Novos Rumos”, por exemplo, não se esperava pelo golpe⁵⁶. A tomada de poder pelos militares

⁵⁶ GAZZANEO, 2007.

foi uma surpresa, pelo que contaram os jornalistas que lá trabalharam ouvidos para este trabalho. Pelo contrário: naquele início de 1964, o plano do PCB era tornar o jornal diário, como havia acontecido durante alguns dias de 1962. A idéia era de expansão do semanário⁵⁷.

Dado, brevemente resumido, o clima em que estava mergulhado o país há 43 anos, este capítulo pretende contar o fechamento de “Novos Rumos”, os momentos vividos por funcionários do jornal naquele primeiro de abril, o que lhes aconteceria depois do golpe e como o PCB reorganizou sua política de comunicação, agora de direito e de fato na ilegalidade – e com um governo militar a persegui-lo.

6.2 O PRIMEIRO DE ABRIL E O FECHAMENTO DE “NOVOS RUMOS”

Uma nova edição de “Novos Rumos” seria impressa no dia primeiro de abril de 1964⁵⁸. Contaria ainda repercussões do comício da Cinelândia, em 13 de março, da greve dos marinheiros, enfim, da crise da política nacional. Inflamaria ainda mais os comunistas e o governo Jango a radicalizar a luta pelas desejadas reformas de base.

É essencial lembrar, para que a falta de informações precisas sobre o que estava por acontecer faça sentido hoje, que as condições de comunicações na época eram completamente diferentes, e que as principais de que se dispunham foram cortadas pelos militares. Para se ter uma idéia de como tudo era nebuloso naquela manhã, o próprio presidente João Goulart só teve certeza de que não contava mais com a maior parte do exército brasileiro, e de que o general Olympio Mourão Filho estava descendo com tropas de Juiz de Fora, em Minas Gerais, em direção ao Rio, já depois do meio-dia, conforme relata o ex-ministro Almino Affonso em entrevista para o jornal “Valor Econômico” publicada no dia 31 de março de 2006.

No final daquela manhã, a redação de “Novos Rumos” esperava para saber mais detalhes do que acontecia. Redator-chefe do jornal, Gazzaneo mandou o repórter Elio Gaspari ficar de plantão na Rádio Nacional, na Praça Mauá, para obter informações⁵⁹. Ao lado do ator e compositor Mário Lago, influente liderança entre os radialistas, Gaspari ia repassando

⁵⁷ GAZZANEO, 2007.

⁵⁸ GAZZANEO, 2007.

⁵⁹ GAZZANEO, 2007.

informações por telefone para Gazzaneo, que estava na gráfica, perto dali, aguardando a impressão do jornal⁶⁰. À época, o dramaturgo Dias Gomes era o diretor artístico da rádio. No início da tarde, ele e Mário Lago foram informados por Hemílcio Fróes, superintendente da emissora, de que os militares haviam tomado os transmissores da rádio e não tardariam a tomar os estúdios⁶¹. Nada mais havia a fazer ali. Gaspari correu para a gráfica. Quando chegou lá, não achou mais ninguém que trabalhasse no jornal. Teve tempo de sair ao ver caminhões do exército se aproximando⁶².

Henrique Cordeiro, gerente administrativo de “Novos Rumos” e cunhado de Mário Lago, também esteve na gráfica, junto com o editor-chefe, Fragmon Carlos Borges. Henrique (Henriquinho, como era chamado na redação, para não ser confundido com o pai, do mesmo nome, gerente de várias publicações comunistas, ao longo de décadas) ainda se lembra do diálogo que teve com Fragmon:

As notícias iam chegando, mas eu não acreditava muito que fosse dar em alguma coisa. Ainda comentei com o Fragmon: “Isso não vai longe. Daqui a pouco o pessoal do Brizola inicia a reação lá do Sul”⁶³.

Não houve reviravolta. Ao gerente, já na metade da tarde, só coube dizer ao pessoal da distribuição do jornal e aos gráficos que todos estavam liberados. Depois de deixar a gráfica, Henrique percebeu que não havia transporte que o levasse para casa, em Bangu. Decidiu ir para a casa de Mário Lago, em Copacabana. A pé. Lá encontrou seu pai, além de Mário. Os três avaliaram que a casa do compositor de “Amélia” seria um lugar arriscado. Henrique desceu à rua para tentar arrumar algum jeito de que os três saíssem dali. Da esquina, pôde ver os militares subindo o prédio. Seu pai e o seu cunhado foram presos naquele dia mesmo⁶⁴.

Quando passava pela Praia do Flamengo, indo para Copacabana, Henrique viu a sede da UNE em chamas. Outro alvo prioritário dos militares, claro, foi a redação de “Novos Rumos”, na Avenida Rio Branco. As duas salas do décimo-sétimo andar foram totalmente destruídas ainda no dia primeiro⁶⁵. Cerca de quarenta dias depois, Henrique e Gazzaneo resolveram voltar à redação do jornal, para contabilizar o estrago. Tudo estava destroçado. Mas um detalhe foi, em parte,

⁶⁰ GASPARI, 2007.

⁶¹ GOMES, 1998, p. 198-199.

⁶² GASPARI, 2007.

⁶³ CORDEIRO, 2007.

⁶⁴ CORDEIRO, 2007.

⁶⁵ GAZZANEO, 2007.

salvador: o setor administrativo funcionava no nono andar, o que era ignorado pelos militares. Documentos do jornal, e, mais importante, as fichas de todos os funcionários estavam preservados, o que impediu que a ditadura descobrisse endereço de vários jornalistas, evitando, ou pelo menos adiando, várias prisões⁶⁶.

A aventura de voltar à redação pouco tempo depois do golpe era especialmente perigosa para Gazzaneo, mais conhecido. No dia primeiro de abril, ele fugira para a casa do arquivista do jornal, Briquet de Lemos, em Santa Teresa. Ficou lá por uns dias e depois foi pulando de casa em casa, onde se sentisse mais seguro⁶⁷.

Recuperar os documentos deixados no prédio da Avenida Rio Branco foi o gesto simbólico de fechar o caixaão. A edição que seria impressa no dia do golpe foi a última produzida pela redação de “Novos Rumos”. O curto período de cinco anos de existência do jornal também contribuiu para deixar certo saudosismo em quem trabalhou lá. Na reorganização de sua política de imprensa no governo militar, o PCB refundou “Voz Operária”, agora de direito e de fato na ilegalidade. O novo “Voz Operária” não era sombra do que havia sido “Novos Rumos” e sequer lembrava até mesmo sua fase anterior, que durara até 1959.

Principalmente pelas circunstâncias. O antigo “Voz Operária” e “Novos Rumos”, mesmo com o PCB na ilegalidade, na prática tinham total liberdade para trabalhar. O endereço da redação era conhecido, saía no expediente do jornal. A gráfica onde o jornal era rodado era legalizada. Agora, na ditadura, a segunda fase de “Voz Operária” não tinha nenhuma facilidade desse tipo. Portanto, seria impossível continuar a fazer “Novos Rumos”, por exemplo. O novo “Voz Operária” era um jornal de combate à ditadura, produzido e distribuído clandestinamente. A tiragem não chegava nem perto dos audaciosos 60 mil exemplares de seu agora antecessor. Não havia redação. A maioria dos textos era feita por colaboradores e dois ou três dirigentes do partido cuidavam da organização e impressão do jornal⁶⁸.

Foi, portanto, naquele dia primeiro de abril, que teve fim uma das mais importantes páginas da história do jornalismo político de esquerda no Brasil.

⁶⁶ GAZZANEO, 2007.

⁶⁷ GAZZANEO, 2007.

⁶⁸ ANDRADE, 2007.

6.3 O DESTINO DE ALGUNS DOS JORNALISTAS DE “NOVOS RUMOS”

Para este trabalho, conversei com quatro dos raros (provavelmente não serão mais de seis) jornalistas que foram contratados de “Novos Rumos” por pelo menos um ano dos cinco de vida do jornal e ainda estão vivos: Elio Gaspari, Henrique Cordeiro, Luiz Mário Gazzaneo e Moacyr Andrade. Não entra nessa conta a extensa lista de colaboradores do jornal ao longo desses cinco anos. Entre colunistas, chargistas, repórteres colaboradores, é possível estimar que perto de uma centena de pessoas tenha ajudado a fazer a história do jornal. Na redação, no entanto, na produção diária, não eram mais de 15. Grande parte dos que formaram aquele elenco de jornalistas já era veterana no início dos anos 60 – casos de Rui Facó e Orlando Bonfim, por exemplo.

Vários trabalharam depois na chamada “grande imprensa”, com destaque, confirmando que a redação de “Novos Rumos” serviu também, de certa forma, como celeiro de bons jornalistas. Sobre isso, vale lembrar que Roberto Marinho, dono de “O Globo”, tinha a reputação de não permitir que o regime militar mexesse com os jornalistas comunistas que trabalhavam na redação da Rua Irineu Marinho. Adversário de Marinho, apadrinhado pelo ex-presidente Getúlio Vargas, Samuel Wainer, dono de “Última Hora”, também gostava de dizer que os comunistas eram dos jornalistas mais fiéis e competentes com que contava em seu jornal.

É desconhecido por muitos que a carreira de Elio Gaspari começou no jornal do PCB. Em 1962, com 18 para 19 anos, ele estudava na Faculdade Nacional de Filosofia, no Centro. Nunca havia entrado numa redação de jornal. Filiara-se ao PCB, mas não foi por meio do partido que foi trabalhar em “Novos Rumos”. À procura de emprego, amigos lhe sugeriram ir ao jornal do partido ver se conseguia trabalho⁶⁹. Não apenas em “Novos Rumos”, mas também em outras redações, não chegava a ser difícil, na época, que um jovem estudante conseguisse trabalho, se mostrasse escrever bem – às vezes, mesmo sem fazê-lo. Foi, durante mais de um ano, repórter do jornal, tendo escrito matérias até hoje recordadas minuciosamente por seu primeiro chefe, Luiz Mário Gazzaneo: “A que mais me marcou foi quando ele foi cobrir uma greve de médicos na Santa Casa de Santos e vestiu um jaleco para entrar disfarçadamente no hospital e contar os bastidores de tudo que estava acontecendo lá dentro”⁷⁰.

⁶⁹ GASPARI, 2007.

⁷⁰ GAZZANEO, 2007.

Ainda jovem quando estourou o golpe, Gaspari não estava entre os comunistas de “Novos Rumos” mais procurados pela ditadura. Depois de passar uns dias na casa de um conhecido em Guaratiba, resolveu começar a procurar trabalho. No primeiro mês após o fechamento do jornal, Gazzaneo ainda pagou um salário a Gaspari, que, depois, recusou-se a continuar recebendo⁷¹. Foi seu ex-chefe, no entanto, quem lhe deu a oportunidade de um novo emprego. Gazzaneo era amigo de Valdomiro Guarnieri, dono de uma agência de notícias que funcionava no Galeão. Gaspari e outro repórter trabalhavam entrevistando políticos e personalidades que passavam pelo aeroporto. Seu colega acumulava ainda a função de colaborador da coluna de Ibrahim Sued, o “Turco”, mais famoso colunista social da época, que escrevia em “O Globo”. A coluna de Ibrahim era tão famosa pelos furos dados a cada dia quanto pelos tropeços na língua portuguesa cometidos pelo titular. Tão freqüentes, que viraram marca registrada do jornalista, como uma “licença poética” que lhe era permitida.

Pouco tempo depois, mais precisamente em janeiro de 1965, Gaspari acabou assumindo o lugar de seu colega no Galeão como colaborador de Ibrahim, e foi aí que sua carreira teve grande impulso. Depois de ser colaborador de Ibrahim Sued, esse italiano de Napoli teve anos de atuação brilhante na revista “Veja” e no “Jornal do Brasil”, entre outros. Hoje, é colunista de “O Globo” e da “Folha de S. Paulo” e tem status de um dos jornalistas mais importantes do país.

Pelo menos outros dois jornalistas de “Novos Rumos” fizeram carreira na grande imprensa. Gazzaneo trabalhou durante bastante tempo em publicações da Editora Bloch e no “Jornal do Brasil” – e está em atividade até hoje. Aos 80 anos, dirige o setor de comunicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dos que integraram a cúpula do semanário do PCB, é o único ainda vivo. Sua memória talvez seja hoje o mais valioso arquivo da imprensa comunista no país nos anos 40, 50 e 60.

Moacyr Andrade foi redator e secretário de redação de “Novos Rumos”, mas deixou o jornal em meados de 1963: mudou-se para o Recife, para ajudar na implantação de um jornal diário de apoio ao governo de Miguel Arraes. De volta ao Rio ainda nos anos 60, trabalhou por quase 40 anos no “Jornal do Brasil”, até 2004. Foi, durante décadas, um dos mais respeitados críticos de música popular do jornalismo carioca.

Outros que trabalharam em “Novos Rumos” tiveram destino um pouco diferente. Briquet de Lemos, que era arquivista e reconhecido pelos que passaram pelo jornal como profundo

⁷¹ GAZZANELO, 2007.

conhecedor da língua portuguesa e de literatura em geral, mudou-se para Brasília ainda durante a ditadura. Foi professor, dirigiu a biblioteca da Universidade de Brasília e é editor de livros. Não trabalhou mais em jornais. Dois filhos seus, Felipe e Flávio Lemos, são fundadores e integrantes de destaque da banda de rock Capital Inicial.

Alaor Barbosa, falecido recentemente, optara, desde aquela época, por dedicar-se à literatura e tornou-se bem-sucedido ficcionista. Aposentou-se como funcionário do Senado. Morava nos últimos anos no Estado de Goiás, freqüente território de sua ficção. Mário Alves, o primeiro diretor de redação de “Novos Rumos”, foi um dos que optaram pela luta armada no enfrentamento da ditadura. Seria um dos fundadores, ao lado de Carlos Marighella (que muitas vezes assinou artigos no jornal), da Aliança Libertadora Nacional (ALN). Preso em janeiro de 1970, Mário entrou na conta oficial dos “desaparecidos” durante a ditadura, mas sabe-se que foi brutalmente torturado e morto nos porões militares. Nestes, também foi eliminado Orlando Bonfim Júnior, o diretor responsável e principal editorialista, contrário ao confronto armado. Fragmon Carlos Borges, editor-chefe durante quase toda a existência do jornal, igualmente morreu durante a ditadura. De enfarte fulminante, ao qual certamente não estiveram alheias as tensões da clandestinidade de onde continuava a fazer a imprensa partidária possível.

A lista de colaboradores de “Novos Rumos” inclui nomes ilustres como o do pintor Di Cavalcanti e o da cronista Eneida. Nas pesquisas para este trabalho, foi possível contabilizar dezenas de jornalistas que passaram por aquela redação. Vale fazer o registro, para encerrar este projeto, de alguns nomes, excluídos os que, por quaisquer motivos, já tenham sido citados neste ou em capítulos anteriores: Jacob Gorender (obteve muita repercussão um artigo seu, intitulado “As novas tendências na obra de Jorge Amado”, no qual criticava duramente o escritor, que já se desligara do partido), Ana Montenegro, Nilson Azevedo (responsável pelo noticiário sindical), Apolônio de Carvalho (com a seção “Teoria e Prática”), Fausto Cupertino (durante certo período editor internacional), Luiz Fernando Cardoso (secretário de redação por alguns anos), Marco Antonio Coelho (foi cronista parlamentar do jornal até eleger-se deputado em 1962), Paulo Motta Lima, Armênio Guedes, Renato Guimarães Cupertino (um dos principais redatores políticos), Beatriz Bandeira Ryff, Zuleika Alambert, Renato de Oliveira Mota, Luís Alberto Sanz e Fichel Davit Chargel⁷².

⁷² ANDRADE, 2007.

7 CONCLUSÃO

Assim como era reduzida a bibliografia existente sobre “Novos Rumos” – à diferença de livros e outras publicações que citam o semanário para ilustrar passagens da política nacional, notadamente do Partido Comunista Brasileira (PCB) – este trabalho está longe de ser uma obra definitiva sobre o jornal. De qualquer forma, é possível dizer, agora, que se cumpriu a contento o objetivo de resgatar parte importante do passado da imprensa comunista no país.

Tendo como esteio as entrevistas com “sobreviventes” do semanário, o resultado da pesquisa reconta a trajetória do jornal sob diferentes aspectos. “Novos Rumos”, como objeto de estudo, superou minhas já otimistas expectativas pelo indisfarçável prazer e, por que não, sadio saudosismo que causou nos entrevistados quando lhes foi pedido que abrissem suas mais esquecidas gavetas da memória para reviver cenas daquele período. Todos com quem falei mostraram orgulho de ter participado da história deste jornal.

Resta, então, que, além da contribuição como resgate da trajetória de um veículo de imprensa – inanimado, portanto –, este trabalho tem utilidade, em especial para quem se inicia na profissão, também por revelar histórias das vidas de jornalistas que certamente têm destaque na galeria dos grandes profissionais que essa carreira produziu no Brasil. Que sirva, ainda, de estímulo para que o passado de outras publicações, hoje tão ou mais esquecidas que “Novos Rumos”, sejam também resgatados.

Seria, ainda, importante destacar um aspecto formal, de metodologia. Ao contrário do que mais comumente se vê em trabalhos de conclusão de curso, esta pesquisa – forçosamente, devido às circunstâncias, mas nem por isso a contragosto, pelo contrário – fiou-se mais em depoimentos colhidos em entrevistas, tenham sido em encontros pessoais ou por telefone, do que em extensas listas bibliográficas que muitas vezes produzem colchas de retalhos de intermináveis citações. Procurei seguir o saudável hábito jornalístico de ouvir histórias e recontá-las.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Entrevistas

ANDRADE, Moacyr. **Depoimentos sobre “Novos Rumos”**. Rio de Janeiro, 2007. Entrevistas concedidas pessoalmente ao autor em 20 e 22 out. e 13, 25 e 28 nov. 2007.

CORDEIRO, Henrique. **Depoimentos sobre “Novos Rumos”**. Rio de Janeiro, 2007. Entrevista concedida ao autor, por telefone, em 17 nov. 2007.

GASPARI, Elio. **Depoimentos sobre “Novos Rumos”**. São Paulo, 2007. Entrevista concedida ao autor, por telefone, em 6 nov. 2007.

GAZZANEO, Luiz Mário. **Depoimentos sobre “Novos Rumos”**. Rio de Janeiro, 2007. Entrevista concedida pessoalmente ao autor, em 19 out. 2007.

Livros e artigos

CARONE, Edgard. **O PCB (1943-1964)**. São Paulo: Difel, 1982.

CARONE, Edgard. **O marxismo no Brasil, das origens a 1964**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CARONE, Edgar. **Classes Sociais e Movimento Operário**. São Paulo: Ática, 1989.

COELHO, Marco Antônio Tavares. **Herança de um Sonho (as memórias de um comunista)**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FEIJÓ, Martin Cezar. **Formação Política de Astrojildo Pereira (1890-1820)**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1985.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. SP: Ática, 1988.

GOMES, Dias. **Apenas um Subversivo (Autobiografia)**, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1998.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. São Paulo: Ática, 1987.

LINHARES, Hermínio. **O Comunismo no Brasil, em “Revista Brasiliense”**, número 28, São Paulo: março e abril de 1960.

MORAES, Dênis de e VIANA, Francisco. **Prestes: lutas e autocríticas**. Petrópolis, Vozes, 1982.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **PCB: vinte anos de política, 1958-1979**. São Paulo: LCH, 1980.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros: história e memória do PCB.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1995.

PENNA, Lincoln de Abreu. **Imprensa e Política no Brasil: A militância jornalística do proletariado.** Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SEGATTO, José Aantônio. **Reforma e revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954/1964).** Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1995.

SOLJENITSIN, Alexandre. **Um dia na vida de Ivan Denissovitch.** Rio de Janeiro: Ópera Mundi, 1973.

WAINER, Samuel e NUNES, Augusto. **Minha Razão de Viver.** Rio de Janeiro: Record, 1988.

Jornais

Novos Rumos, edição número 2, Rio de Janeiro, 7 a 13 mar. 1959

Novos Rumos, edição número 55, Rio de Janeiro, 18 a 24 mar. 1960

Novos Rumos, edição número 81, Rio de Janeiro, 16 a 22 set. 1960

Novos Rumos, edição número 83, Rio de Janeiro, 30 set. a 6 out. 1960

Novos Rumos, edição número 108, Rio de Janeiro, 31 mar. a 6 abr. 1961

Novos Rumos, edição número 130, Rio de Janeiro, 26 ago. 1961

Novos Rumos, edição número 131, Rio de Janeiro, 27 ago. 1961

Novos Rumos, edição número 174, Rio de Janeiro, 6 jul. 1962

Novos Rumos, edição número 191, Rio de Janeiro, 12 a 18 out. 1962

Novos Rumos, edição número 203, Rio de Janeiro, 4 a 10 jan. 1963

Novos Rumos, edição número 263, Rio de Janeiro, 13 a 19 mar. 1964

NOVOS RUMOS

Embaixada Americana Estimula Golpe Terrorista de Lacerda

1964-17 — De São Paulo, sábado de 4 a 6 de junho de 1964 — 17-183

Todos às Urnas no Dia 6 Para Votar

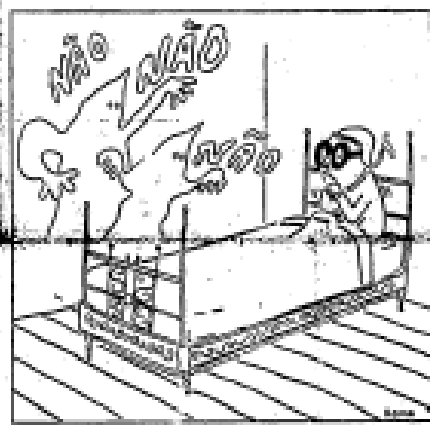
NÃO

- 1 — Nêvo (Plano Cohen) para levar o País à ditadura
 - 2 — Embaixador Gordon participa ativamente da conspiração
 - 3 — A ação do adido militar norte-americano
 - 4 — A farsa do plano calvinista
 - 5 — Lacerda, Falcão, Levy e Adhemar estimulam a ação golpista
 - 6 — Um fascista na polícia de Guanabara
- (Reportagem na 2ª página)

Os militares e dirigentes do movimento popular em São Paulo, em 4 de junho, de que se realizaram eleições e a maioria venceu de uma vez, não se aliaram com o plano de Lacerda para levar o País à ditadura. O plano de Lacerda para levar o País à ditadura é o plano de Lacerda para levar o País à ditadura. O plano de Lacerda para levar o País à ditadura é o plano de Lacerda para levar o País à ditadura.

Em São Paulo, os militares e dirigentes do movimento popular em São Paulo, em 4 de junho, de que se realizaram eleições e a maioria venceu de uma vez, não se aliaram com o plano de Lacerda para levar o País à ditadura. O plano de Lacerda para levar o País à ditadura é o plano de Lacerda para levar o País à ditadura.

LUIZ CARLOS FREITAS



Felicidade e Paz

... a felicidade e a paz...

13º Salário: Telegrafistas e Bancários Poderão ir à Greve; Têxteis Reclamam na Justiça

Texto na 2ª página

A greve dos oficiais de náutica

De acordo com o texto...

Violência Dos Latifundiários Contra Camponeses: Paraná

Texto na 2ª página

Cuba: 4 Anos

A 3 de junho, a Revolução Cubana completou 4 anos. Desde o triunfo das forças revolucionárias em 1959, Cuba vive sob o signo da liberdade política, econômica e social. O povo cubano vive em paz e harmonia. A Revolução Cubana é um exemplo para o mundo inteiro.

O Plano Trienal de Celso Furtado

Um plano de uma geração inquieto. O plano de Celso Furtado é um plano de uma geração. Ele prevê a realização de grandes obras de infraestrutura e o desenvolvimento econômico do Brasil.

Livros de uma geração inquieto

A página 5, nos encontramos com os livros de uma geração inquieto. Esses livros refletem o pensamento crítico e a busca por mudanças sociais.

Almino Afonso Defende Mandatos e Denuncia: Delegado do DOPS Vale Mais do Que Voto do Povo

Texto na 2ª página

Plataforma revolucionária

... a plataforma revolucionária...

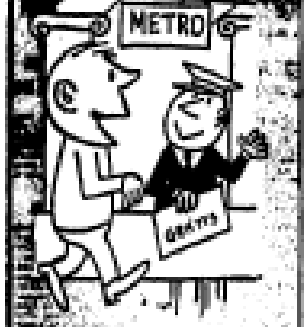
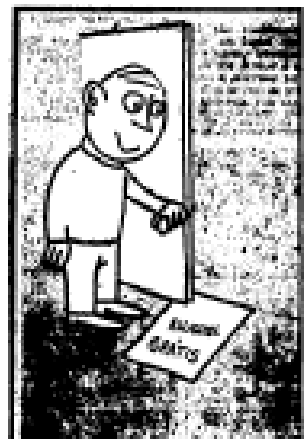
Como Viverão os Soviéticos em 1980?

Manchete de 17 de maio, a 1980 Congresso do Partido Comunista da União Soviética, anunciando que não defenderá a guerra e a expansão, mas sim um "caminho de paz". A declaração, que levou em conta o fato de que a maioria dos membros do partido são jovens e os membros antigos são poucos, é uma grande vitória para a paz.

Os programas são muito melhores, mas, assim, os programas de longo prazo são muito melhores. O programa de longo prazo é muito melhor. O programa de longo prazo é muito melhor.

Uma declaração de longo prazo é muito melhor. Uma declaração de longo prazo é muito melhor. Uma declaração de longo prazo é muito melhor.

PROBLEMA: SALVAR A PAZ
O programa de longo prazo é muito melhor. O programa de longo prazo é muito melhor. O programa de longo prazo é muito melhor.



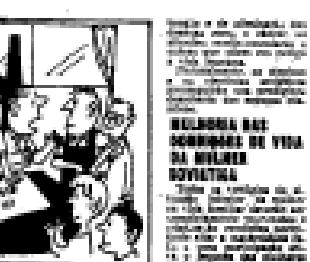
Uma declaração de longo prazo é muito melhor. Uma declaração de longo prazo é muito melhor. Uma declaração de longo prazo é muito melhor.

QUE É O COMMERCE?
O comércio é muito melhor. O comércio é muito melhor. O comércio é muito melhor.

ALARGAR E ULTRAPASSAR A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DOS EUA
A produção industrial dos EUA é muito melhor. A produção industrial dos EUA é muito melhor.

ALARGAR O SALÁRIO E SUPERAR OS IMPÓSTOS AMERICANOS
O salário e os impostos americanos são muito melhores. O salário e os impostos americanos são muito melhores.

INFLAR OS PREÇOS E NÃO O CUSTO
Inflar os preços e não o custo é muito melhor. Inflar os preços e não o custo é muito melhor.

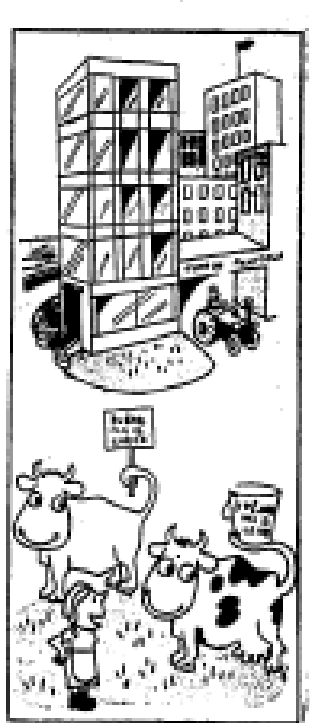


MELHORA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DA MULHER SOVIÉTICA
As condições de vida da mulher soviética são muito melhores. As condições de vida da mulher soviética são muito melhores.

MAIS AUTONOMIA
Mais autonomia é muito melhor. Mais autonomia é muito melhor.

ASSISTÊNCIA MÉDICA GRATUITA
A assistência médica gratuita é muito melhor. A assistência médica gratuita é muito melhor.

CONQUISTA DO SUCESSO E LUTA CONTRA O GANHO
A conquista do sucesso e a luta contra o ganho são muito melhores. A conquista do sucesso e a luta contra o ganho são muito melhores.



RECONHECIMENTO E APROFUNDAMENTO DA DEMOCRACIA SOCIALISTA
O reconhecimento e o aprofundamento da democracia socialista são muito melhores. O reconhecimento e o aprofundamento da democracia socialista são muito melhores.

COM O SEU DA COEXISTÊNCIA PACÍFICA
Com o seu da coexistência pacífica é muito melhor. Com o seu da coexistência pacífica é muito melhor.



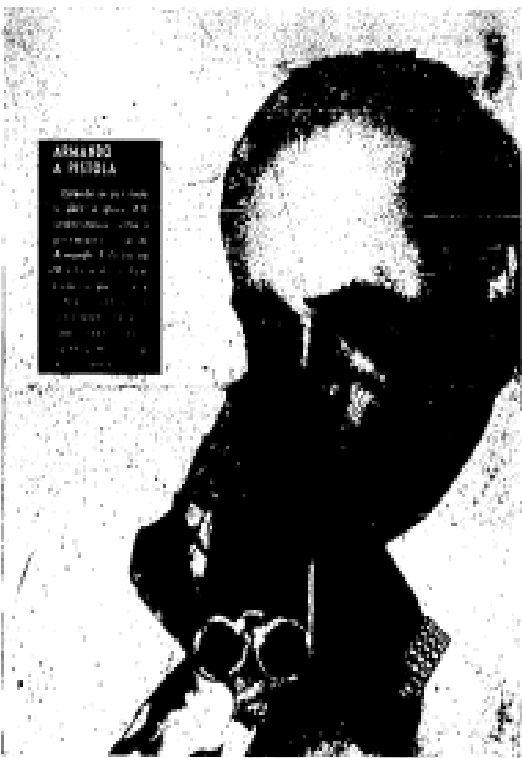
COM O SEU DA COEXISTÊNCIA PACÍFICA.

NOVOS RUMOS

ANO II — 2 — Rio de Janeiro, segunda de 19 a 24 de março de 1960 — Nº 22
Distribuição em Minas Gerais — Editora Odebre — Rua da Cariacica, 101 — Caixa Postal 10000 — Rio de Janeiro

Artigo de LUIZ CARLOS PRESTES

Comunistas Apóiam Lott



ARMANDO A FÁRRIA
Lott é o chefe da ala esquerda do PPS, o partido de Lott e de outros líderes da esquerda do PPS, o partido de Lott e de outros líderes da esquerda do PPS...

O **COMUNISMO** — Em um momento de completa liberdade, nos dias finais de 1959, apresentamos um novo método de trabalho e de organização de trabalho. Este método é baseado em um sistema marxista de trabalho, baseado em Lott. Após vários de reuniões realizadas por Lott, este método foi publicado em 1959, e tornou público o espírito de liberdade de trabalho em Lott e de outros líderes da esquerda do PPS.

EXISTE MESMO PLANO CONTRA LOTT E ELEIÇÕES

A **INDICAÇÃO** de Armando de Faria Lott, o chefe da ala esquerda do PPS, o partido de Lott e de outros líderes da esquerda do PPS, o partido de Lott e de outros líderes da esquerda do PPS...



QUEREM DESTRUIR A REVOLUÇÃO CUBANA: SERVE DE EXEMPLO

PAUCISTA CONTINUA A GREVE DOS FERROVIÁRIOS
De 17 mil ferroviários da Paucista não votaram o pessoal do Juízo de Trabalho e as violências políticas. Repetição no 4º dia do 2º semestre.

O **ANIL** 1960 de trabalho... querem destruir a revolução cubana: serve de exemplo...

Eles Jazem "Bribe" Enquanto Prossegue a Greve do Caxoeiro

T **ESTE** o dia de 19 de março de 1960, o dia de 19 de março de 1960, o dia de 19 de março de 1960...



Nossa Definição

OSCAR DINIZ JR.

O **COMUNISMO**, que hoje significa, no sentido de Lott e de outros líderes da esquerda do PPS, o partido de Lott e de outros líderes da esquerda do PPS...

O **MARXISMO** do trabalho e da produção de trabalho, o trabalho e da produção de trabalho...

POR isso tudo, o trabalho e da produção de trabalho, o trabalho e da produção de trabalho...

“Um Alcoólatra Visitou João Pessoa”

Sob este título, e com a foto que ilustra a matéria, «CORREIO DA PARAIBA» publicou a seguinte reportagem sobre a visita do candidato entreguista à capital da Paraíba:

«A Paraíba cobriu-se de vergonha, as famílias pejararam-se de pudor, as crianças recolheram-se ao mutismo característico de medo, com a visita afrontosa que fez ontem e anteontem a João Pessoa o alcoólatra Jânio da Silva Quadros. Não só nos envergonhou a visita de sua pessoa física asquerosa e qui-xotesca, mas sobretudo a maneira condenável como se apresentou às nossas famílias, ante a nossa sociedade o indesejável visitante. Com efeito, apresentou-se altamente embriagado. A embriaguez causa dó, em algumas vezes, e repugnância noutras. Um marginal caído na sarjeta depois de se deixar dominar pelo vício, provoca compaixão e pena. Uma mulher mercenária que perde o autocontrole em consequência de doses consecutivas de tóxicos, merece respeito e consideração. Mas um cidadão da formação política e cultural como o sr. Jânio da Silva Quadros, que se apresenta ao julgamento dos seus concidadãos como candidato ao mais alto posto da Magistratura Nacional — este merece tão-sómente a nossa mais enérgica reprimenda, por não se dominar ante um litro de uísque e ingerir doses duplas durante toda uma viagem de avião, e, em consequência, embriagar-se a ponto de perder o equilíbrio do corpo e pedir a ajuda de um amigo para descer as escadarias do avião. Veja-se a foto, que vale mais do que mil palavras. No clichê percebe-se com nitidez e sem necessidade de maior exame, o estado deplorável em que se encontrava o alcoólatra incorrigível, quando desceu do avião que o trouxe até João Pessoa. Ao aparecer na porta do aparelho, Jânio deu um tombo e não fôsse o sr. João Agripino, teria rolado escada a baixo e não se sabe qual seria o desfecho. Assim, porém, não permitiram os fados, para alegria nossa. Agripino segurou a tempo o braço do «esponjinha», evitando um desastre que já não viria fora de tempo. Todos os que se aglomeraram no Parque Solon de Lucena para ver o palhaço da «Esso» e de Rockefeller vomitar os seus impérios contra as nossas instituições democráticas, testemunharam, do mesmo modo, o efeito do álcool, revolvendo as entranhas do biltre petulista, e o esforço que fazia para articular as palavras e manter a uniformidade de voz, cuja dissonância se percebia de frase em frase, como só se vê nos embriagados. Pelo rádio, através dos alto-falantes, os guinchos do candidato entreguista saíram entrecortados pelos

soluços, e no palanque, João Agripino se desdobrava em cuidados para amparar, como podia, o inveterado patife. É este o homem que prega moralidade; que prega aus-

teridade; que prega outras fantasias saídas do seu cérebro anuviado pela bebida. É este o homem (sem ser o Pedroca) que tem a petulância de competir com um brasileiro

da estirpe e da envergadura moral do marechal Henrique Teixeira Lott. Duas personalidades distintas que não se podem confundir jamais».



«Tem nêgo
bebo aí...»

João Agripino ri amarelo enquanto sustenta pelo braço o bebedão que quer se conspurcar a Palácio da Alvorada, no que, sem dúvida, será impedido nas urnas pelo povo. Não fosse a intervenção do correligionário, Jânio, a exemplo de sua candidatura, teria rolado as escadas do avião que o transportou a João Pessoa, onde deu um espetáculo degradante de quibricagem.

Greve Geral na Guanabara a Partir de Hoje

TESTO NA
P. PRIMA

Prestes Lança Manifesto Solução Para a Crise: Jango na Presidência

Constituição Manda Jango é Presidente!

Com a revolta do professor Jango, o país está em uma crise de transição. Contudo, não há a possibilidade de Jango ser eleito presidente da República, e o Sr. João Goulart, que deverá manter a liderança do país, não pode ser eleito presidente da República.

De fato, a Constituição Federal, em seu artigo 17, estabelece a eleição do presidente em caso de transição, e, portanto, no momento, a possibilidade de Jango ser eleito presidente da República.

NOVO BLOCOS
Hoje lança o manifesto e o manifesto da República.

As substituições
do povo brasileiro
Um povo não precisa de ditadura no Brasil. Contudo, a revolta do Sr. Jango, não é suficiente, e o Sr. João Goulart, presidente da República, não é suficiente para garantir a liberdade, a democracia e a justiça social.

Depois de três dias, o Brasil não tem mais a possibilidade de Jango ser eleito presidente da República, e o Sr. João Goulart, que deverá manter a liderança do país, não pode ser eleito presidente da República.

De fato, a Constituição Federal, em seu artigo 17, estabelece a eleição do presidente em caso de transição, e, portanto, no momento, a possibilidade de Jango ser eleito presidente da República.

NOVO BLOCOS
Hoje lança o manifesto e o manifesto da República.

<p>EDIÇÃO EXTRA</p>	<p>NOVOS RUMOS</p>	<p>UMA EXEMPLAR 10 CRUZINA</p>
-------------------------	-------------------------------	---

ANO II Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1964 Nº 202

Enfrentando Bombas da Polícia, Povo Carioca Protestou em Frente à Embaixada Dos EUA

Uma das maiores manifestações populares em frente à Embaixada dos Estados Unidos em Rio de Janeiro.